

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA**

**PERCEPÇÕES DE TREINADORES DE GINÁSTICA ARTÍSTICA SOBRE A  
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Florianópolis,  
2020.

Lucas Machado de Oliveira

**PERCEPÇÕES DE TREINADORES DE GINÁSTICA ARTÍSTICA SOBRE A  
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Juliana Pizani, Dra.

Coorientador: Prof. Vitor Ciampolini, Me.

Florianópolis

2020.

## Ficha de identificação da obra

Oliveira, Lucas Machado de  
Percepções de treinadores de ginástica artística sobre a  
formação inicial em Educação Física / Lucas Machado de  
Oliveira ; orientadora, Juliana Pizani, coorientador,  
Vitor Ciampolini, 2020.  
63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Formação de Treinadores. 3. Educação  
Superior. 4. Graduação. 5. Currículo. I. Pizani, Juliana.  
II. Ciampolini, Vitor. III. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Lucas Machado de Oliveira

**Percepções de treinadores de ginástica artística sobre a formação inicial em  
Educação Física**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 10.

Florianópolis, 04 de dezembro de 2020.

**Banca Examinadora:**



Documento assinado digitalmente  
Juliana Pizani  
Data: 14/12/2020 15:44:54-0300  
CPF: 049.949.939-55

---

Juliana Pizani, Dra.

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
Vitor Ciampolini  
Data: 15/12/2020 06:28:10-0300  
CPF: 372.738.708-46

Vitor Ciampolini, Me.

Coorientador

Universidade Federal de Santa Catarina

A handwritten signature in blue ink, reading "Ieda Parra Barbosa Rinaldi".

---

Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Dra.

Universidade Estadual de Maringá



Documento assinado digitalmente  
Michel Milistetd  
Data: 14/12/2020 23:20:50-0300  
CPF: 041.320.559-22

---

Michel Milistetd, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

À Nayara Pereira, um presente da ginástica, que um dia me disse que a busca por formação profissional pode ser um caminho torto, porém indispensável.

À minha família, que sempre me ofereceu todas as ferramentas e incentivos para que esse caminho pudesse ser desbravado, fosse em outra cidade ou em outro continente.

## AGRADECIMENTOS

Quando penso nas conquistas que tive ao longo desses anos de graduação, a única certeza que tenho é que raramente existiu mérito. Até mesmo nas minhas escolhas, que parecem de minha inteira responsabilidade, raramente existiu mérito. Muito só foi possível graças à todas as pessoas que passaram por mim até esse momento. Sem que eu percebesse e provavelmente sem que elas soubessem, cada encontro resultou em pequenos impactos e transformações. Talvez por isso, de antemão, me parece justo agradecer a todos com quem eu tive as mais sublimes trocas nos últimos vinte e três anos.

Contudo, algumas pessoas foram responsáveis pelo que chamo de impactos propulsores, àqueles que me deram a capacidade de saltar para situações assertivas (mesmo que o certo, em determinado momento, fosse uma imersão na incerteza). A essas pessoas, gostaria de deixar um destaque especial e meus sinceros agradecimentos nessa seção.

Aos meus avós, Lucia, Vivaldinho, Laércia, Altair e Valdete, que nunca mediram esforços em me proporcionar tudo que fosse necessário para que eu tivesse uma ótima vida. Por me ensinarem, entre tantas lições, a dar os primeiros passos e por continuarem me guiando. Obrigado por tornarem cada retorno à Blumenau algo tão especial pela simples possibilidade do reencontro, do abraço e do sorriso.

Ao meu pai, Luciano, por nunca questionar minhas escolhas, mas por orientar para que elas fossem as melhores possíveis. Por ter colocado as minhas coisas em um caminhão de mudanças algumas vezes durante as idas e vindas de Blumenau para Florianópolis. Nada disso seria possível sem você. Muito obrigado, pai.

À minha mãe, Cristiane, por ensinar que as pedras no caminho nunca devem ser carregadas com a premissa de um dia construir um castelo. As pedras no caminho devem ficar por ali mesmo, porque nenhum castelo vale a leveza do caminhar. Obrigado, mãe, por me mostrar também que só um caminhar leve não é suficiente, é preciso que ele seja profundo e de (auto)conhecimento.

Aos meus tios, em especial, Camila, Débora, Everson e Jakeline, por estarem sempre presentes e me oferecerem todo o suporte necessário. Obrigado por vibrarem comigo em todas as conquistas e por serem grandes exemplos para mim.

Aos professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina com quem eu tive o prazer em aprender. Obrigado por serem as maiores fontes de inspiração que eu poderia ter conhecido durante a graduação.

À Juliana, que desde o meu primeiro semestre na graduação me abraçou como orientadora, professora, amiga, irmã e mãe acadêmica. Já são quatro anos e meio de uma parceria definida pelos inúmeros cafés de domingo com tempestades de ideias, pelas conversas francas sobre as fragilidades da existência humana e por uma tentativa incessante em me ensinar o poder da vulnerabilidade. Obrigado, Ju, por me mostrar que o diálogo é a chave da sensibilidade e que, é justamente com sensibilidade, que podemos avançar nessa vida com a perspectiva de um futuro bom.

Ao Vitor, que aceitou prontamente coorientar esse estudo e me conduziu em momentos únicos de discussão e reflexão. Por me mostrar que não só as habilidades do contexto esportivo são transpostas para vida, mas habilidades acadêmicas também. Obrigado, Vitor, por favorecer o meu desenvolvimento positivo por meio deste trabalho de conclusão de curso.

Ao professor Michel Milistetd da Universidade Federal de Santa Catarina e a professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi da Universidade Estadual de Maringá por serem grandes referências pessoais e acadêmicas. Obrigado pelo acolhimento, pela leitura do estudo e pelas contribuições. A presença de vocês na banca simboliza o reforço de uma grande parceria.

Aos amigos que a graduação me presenteou e que foram responsáveis por fazer de nós “a melhor turma de bacharelado em Educação Física da UFSC”, com base no senso de vários professores que passaram pelo nosso caminho. Obrigado Ana, Arthur, Carol, Davi, Giovana, Janara, Pedro, Thiago e Will. Nada faria sentido se vocês não estivessem juntos comigo nesse processo.

Aos amigos com quem dividi um intercâmbio pandêmico na Universidade do Porto, em Portugal. É inefável o que vivemos. Amanda, Anais, Bianca, Beatriz, Carol, Leonardo, Thales e Vitória, obrigado por tudo que compartilhamos, por tudo que me ensinaram e por terem deixado um grande rastro de saudade. É esse sentimento que me faz perceber o quanto tudo valeu a pena.

E às pessoas incríveis que eu conheci por meio do esporte entre professores, treinadores, atletas e árbitros. Em especial, Nayara, com quem dividi uma rotina por vezes exaustiva em anos de treinamento na ginástica artística e que esteve presente em cada passo que dei nos últimos quatro anos. E Isabela, uma grande inspiração como pessoa e profissional, por me mostrar que o rendimento no esporte e a formação humana cabem juntos em uma mesma sentença. Como um dia disse Vitor, meu coorientador nesse estudo: “fazer piruetas é possível até uma certa idade, mas as amizades que a você constrói nesse contexto, são para a vida toda”. Obrigado, Nayara e Isabela, por tornarem essa afirmação uma das poucas certezas que tenho nessa vida.

*Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser  
dadas, porque não as poderia viver. Pois trata-se  
precisamente de viver tudo. Viva por enquanto as perguntas.  
Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba, num dia  
longínquo, consiga viver a resposta.*

*Rainer M. Rilke*



## RESUMO

Treinadores esportivos aprendem por meio de contextos formais, não formais e informais. Apesar de os contextos formais — como os cursos de graduação em Educação Física — serem obrigatórios para a intervenção profissional e oferecerem suporte inicial para a formação na profissão, a agenda investigativa tem frequentemente identificado percepções negativas de treinadores. Quando se trata da formação de treinadores atuantes na ginástica artística, a problemática é reforçada. Embora fique a cargo dos cursos de Educação Física promover um maior contato dos estudantes com a modalidade e subsidiar uma formação que atenda as demandas da intervenção profissional no esporte, não há indícios de que ela esteja sendo transposta para a realidade, considerando o alto percentual de treinadores de ginástica artística insatisfeitos com a formação que receberam. Para que o curso de Educação Física seja apreciado como uma fonte de conhecimento verdadeiramente significativa, é preciso aproximá-lo das necessidades da prática profissional. Destarte, o objetivo desse estudo foi analisar as percepções de treinadores de ginástica artística sobre a graduação em Educação Física, a fim de indicar caminhos para o debate acerca da formação inicial. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa do problema e foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com cinco treinadores de ginástica artística filiados à Federação de Ginástica de Santa Catarina por meio de plataforma *online* de áudio e vídeo. Na entrevista foram abordados indicadores como: trato com o conteúdo ginástico na instituição de ensino, práticas pedagógicas sob orientação profissional, espaço físico para a vivência da modalidade, participação em projetos, lacunas da formação inicial e busca por formação continuada. O tratamento dos dados ocorreu por meio da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006). É possível perceber a importância da graduação por oportunizar a aquisição de conhecimentos de base para intervenção no esporte, como os relativos à treinamento esportivo, pedagogia do esporte e psicologia do esporte. Além disso, essa etapa formativa é destacada por apresentar diferentes campos de atuação e dispor de espaço físico necessário para a vivência da modalidade. Por outro lado, os treinadores apontam um descontentamento com a aprendizagem de conhecimentos específicos da ginástica artística. A falta de conhecimento docente sobre a modalidade é também uma das barreiras para a aprendizagem mais significativa e reflete na falta de oportunidades de ressignificar os conhecimentos que adquiriram como atletas. Os estágios curriculares parecem não contribuir com a formação dos treinadores uma vez que não favorecem a discussão das vivências com outros estudantes e falham na supervisão docente. Outro destaque está relacionado ao tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão) que parece não contemplar a ginástica, para além do ensino, nas instituições de ensino superior em que os treinadores se formaram. Os treinadores apontam para a necessidade do envolvimento em iniciativas de formação continuada para suprir as lacunas deixadas pela graduação ou para se manterem atualizados na modalidade. Portanto, é importante que os docentes do curso de Educação Física e os responsáveis pela elaboração dos currículos ponderem a importância de práticas pedagógicas reflexivas e a aproximação do campo profissional ao longo de toda a trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Formação de treinadores. Educação Superior. Graduação. Currículo.

## ABSTRACT

Sport coaches learn through formal, non-formal, and informal contexts. Although formal contexts - such as undergraduate courses in Physical Education - are mandatory and provide initial training support, several studies have identified coaches' negative perceptions. When it comes to the training of coaches working in artistic gymnastics, the issue is reinforced. Although it is the responsibility of the Physical Education courses to promote greater contact of students with the sport and offer training opportunities that meet the demands of the coaching practice, there is a high percentage of artistic gymnastics coaches dissatisfied with the training they received and no evidence regarding knowledge transfer. For the Physical Education course to be recognized as a truly significant source of knowledge, it is necessary to bridge the gap to coaches' practice. Thus, the aim of this study was to analyze the perceptions of artistic gymnastics coaches about the Physical Education undergraduate course, in order to indicate paths for the debate about initial training. To this end, a qualitative approach was adopted and semi-structured interviews were conducted with five artistic gymnastics coaches affiliated to the Gymnastics Federation of Santa Catarina state through an online audio and video platform. During the interviews some indicators were investigated such as: dealing with gymnastic content in the university, working under professional guidance, physical space for experiencing the sport, participation in projects, gaps in initial training, and the search for continuing education. Data analysis took place through the thematic analysis proposed by Braun and Clarke (2006). It was possible to perceive the importance of the formal context for acquiring basic knowledge for intervention in sports, such as those related to sports training, sports pedagogy, and sports psychology. In addition, this training stage was highlighted for presenting different fields of action and having the necessary physical space for experiencing the sport. On the other hand, coaches point out a discontent with learning specific knowledge of artistic gymnastics. The lack of teaching knowledge about the sport is also one of the barriers to the most significant learning and reflects the lack of opportunities to reframe the knowledge they acquired as athletes. The internships did not seem to contribute to the training of coaches since they do not favor the discussion of experiences with other students and fail in teacher supervision. Another highlight is related to the university tripod (teaching-research-extension), which did not seem to include gymnastics, in addition to teaching, in higher education institutions where the coaches graduated. The coaches point to the need to be involved in continuing education initiatives to fill the gaps left by the university or to keep up to date with the sport. Therefore, it is important that Physical Education professors in the university and those responsible for preparing the curriculum consider the importance of reflective practices and the approximation of the professional field throughout the entire academic trajectory.

**Keywords:** Coach education. Higher education. Undergraduate courses. Curriculum.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
2.1	APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DE TREINADORES ESPORTIVOS.....	16
2.2	FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS.....	19
2.3	GINÁSTICA ARTÍSTICA E O CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL.....	22
2.4	ATUAÇÃO DO TREINADOR NA GINÁSTICA ARTÍSTICA.....	24
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	26
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	26
3.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
3.5	ANÁLISE DE DADOS.....	29
3.6	ASPECTOS LEGAIS.....	29
<b>4</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>30</b>
4.1	PERFIL DOS TREINADORES.....	30
4.2	PERCEPÇÕES DOS TREINADORES SOBRE O PERCURSO DA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	31
<b>4.2.1</b>	<b>Contribuições da formação inicial.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Aspectos limitantes da formação inicial.....</b>	<b>33</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Reflexões conduzidas após a formação inicial.....</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
	<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE D.....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE E.....</b>	<b>62</b>

<b>APÊNDICE F .....</b>	<b>63</b>
-------------------------	-----------

## 1 INTRODUÇÃO

Os conhecimentos necessários à intervenção do treinador esportivo são oriundos de diferentes contextos de modo que se concretize um contínuo de aprendizado e desenvolvimento no exercício profissional (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Atualmente, os contextos de aprendizagem destacados na trajetória de treinadores esportivos são classificados como formais, não formais e informais (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). De acordo com os autores, o primeiro é compreendido por um sistema de certificação reconhecido e obrigatório, de médio a longo prazo. Os contextos não formais contemplam espaços formativos específicos e de curto período. Por fim, os contextos informais são caracterizados pelo engajamento e interesse pessoal do indivíduo pela busca por conhecimento.

Os achados da literatura destacam que a principal fonte de conhecimento utilizada pelos treinadores advém de contextos informais, tais como: observações de treinamento, conversas com outros treinadores, experiências prévias como atleta, etc. (BARROS et al., 2017; GONZALEZ-RIVERA et al., 2017; MESQUITA; ISIDRO; ROSADO, 2010; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Além disso, os contextos formais (como a graduação e outros programas de certificação) e não formais (como seminários e conferências) são frequentemente citadas como contextos de baixo impacto para intervenção profissional (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Embora não seja evidenciada na literatura como provedora primordial de conhecimentos para a exercício profissional de treinadores, a formação inicial em Educação Física representa o principal componente do contexto formal de aprendizagem no Brasil. Isto porque, a graduação é pré-requisito para atuação no contexto esportivo desde que a profissão de Educação Física foi regulamentada pela Lei n. 9.696/1998 (BRASIL, 1998).

Uma vez posto esse paradoxo entre obrigatoriedade (legalidade) e relevância (legitimidade) atribuída pelos treinadores, algumas fragilidades dos contextos formais de aprendizagem podem auxiliar na compreensão desse cenário. Entre eles, destaca-se a carência de conexão entre componentes teóricos e práticos, o excesso de observação em detrimento das oportunidades de intervenção dos estudantes e a falta de supervisão durante os estágios curriculares (MILISTETD et al., 2018b). Essa conjuntura parece ser comum entre diferentes modalidades esportivas e agravadas em função de suas especificidades.

Ao direcionarmos nossos olhares para a ginástica artística a problemática é reforçada. No Brasil, não existe uma tradição em sistemas de formação para profissionais atuarem na modalidade, sendo essa demanda cabível às instituições de ensino superior por meio de

graduação e pós-graduação (NUNOMURA, 2004; MILISTETD et al., 2016). A literatura também aponta um descontentamento dos treinadores em relação à formação acadêmica que receberam, refletindo em um cenário de precariedade da formação inicial na preparação de profissionais para intervenção com a modalidade (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; SCHIAVON et al., 2014).

De acordo com Barros et al. (2016), a baixa incidência de estudos pedagógicos sobre a ginástica artística, é compreendida como uma barreira para o desenvolvimento institucional e de prática competitiva da modalidade. Bezerra et al. (2014) destacam que a produção científica é inócua também no que diz respeito ao ensino das modalidades ginásticas no contexto da formação universitária, existindo uma lacuna sobretudo em estudos que proponham metodologias coesas e adequadas.

A carência no diálogo entre quem está no campo profissional com quem representa o contexto universitário apresenta-se como uma lacuna na agenda científica e é transposta como uma barreira para que ocorram transformações na formação inicial em Educação Física. Embora alguns estudos tenham abordado a formação e aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística (SCHIAVON et al., 2014; BARROS, 2016), seus achados suportam a ideia de busca e descontentamento da graduação em Educação Física, mas carecem de maior entendimento sobre os meandros desse percurso na perspectiva dos treinadores. É necessário, portanto, um maior detalhamento sobre a etapa universitária percorrida pelos treinadores, sobretudo daqueles com menor tempo de formação e atuação profissional. Compreendemos que estes profissionais podem apresentar uma percepção mais atualizada deste processo, uma vez que, em teoria, seu percurso acadêmico decorre de uma proposta curricular mais recente para os cursos de Educação Física.

O presente estudo almeja avançar na investigação da formação inicial de treinadores de ginástica artística, com o propósito de fomentar discussões e subsidiar alterações na graduação em Educação Física. É importante que seja compreendido esse percurso de forma ampliada, agregando reflexões sobre currículos, conteúdos programáticos, estratégias de ensino, entre outros componentes que o norteiam. A expansão desse diálogo contribui para a legitimidade do currículo para toda a comunidade acadêmica, em especial docentes e discentes. Assim, poderemos apreciar a formação inicial como uma fonte de conhecimento verdadeiramente significativa, alinhada às necessidades da prática profissional e não somente como uma etapa obrigatória para a obtenção do diploma e conseqüentemente da licença profissional. Devemos também considerar o momento como oportuno para tais análises, visto que os currículos dos

cursos de Educação Física estão em processo de reestruturação seguindo novas diretrizes propostas pela Resolução CNE/CES n.06/2018 (BRASIL, 2018).

Diante do exposto, pautamos o estudo no seguinte questionamento: qual a percepção de treinadores de ginástica artística sobre a formação inicial em Educação Física?

### 1.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar as percepções de treinadores de ginástica artística sobre a graduação em Educação Física, a fim de indicar caminhos para o debate acerca da formação inicial.

### 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o perfil de treinadores de ginástica artística;
- Identificar as percepções de treinadores de ginástica artística sobre a formação inicial em Educação Física;
- Apontar as limitações e contribuições da formação inicial para o desenvolvimento de treinadores na ginástica artística.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A formação inicial em Educação Física é um importante objeto de investigação para o desenvolvimento da área como um campo profissional. Nessa perspectiva, estudos que associam as ginásticas esportivas à formação inicial ainda são incipientes, apontando para a necessidade de refletir sobre as manifestações ginásticas na graduação de modo que seja possível contribuir para uma adequada intervenção profissional (BEZERRA et al., 2014). Poucos estudos tratam de discutir e sistematizar propostas para o ensino das modalidades ginásticas na graduação em Educação Física, sobretudo no tocante à ginástica artística. Nesse ponto, destaca-se a investigação de Barbosa-Rinaldi (2005) que traz propostas para a formação inicial a partir da perspectiva de docentes especialistas (*experts*) na temática. Por conseguinte, aponta-se para uma necessidade em compreender também o ponto de vista de quem está fora do universo acadêmico e lida diretamente com a intervenção no contexto do treinamento esportivo.

Em consonância com esse cenário, os cursos de Educação Física no Brasil estão em processo de reestruturação curricular, em que devem ser avaliadas e refletidas as demandas

passíveis de serem atendidas por profissionais da área. Assim, é indispensável estreitar as relações com quem está no dia a dia da profissão e entender quais os diferentes aspectos que norteiam suas práticas, de modo que a formação inicial esteja cada vez mais conectada com as necessidades de uma atuação plena. O presente estudo avança em relação aos demais realizados nessa temática, uma vez que é proposto trazer contributos que valorizam a retroalimentação entre os contextos de intervenção profissional da ginástica artística e da formação inicial em Educação Física, estabelecendo assim um diálogo com treinadores atuantes e apontando reflexões sobre a formação inicial a partir de suas perspectivas.

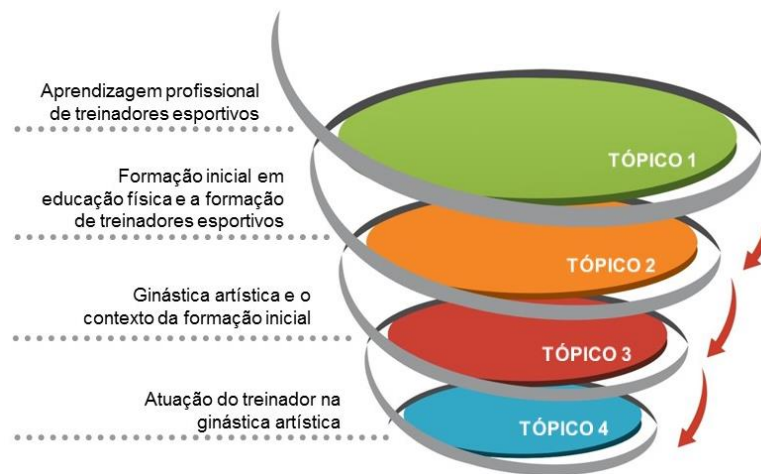
Para além de olhares pautados na ciência e possíveis contribuições para o desenvolvimento da área, aqui apresenta-se uma expectativa de ordem pessoal do autor principal dessa pesquisa que tem convivido com a área da ginástica artística há mais de 10 anos. Inicialmente como atleta, depois como monitor de disciplinas ginásticas na graduação, árbitro da modalidade e atualmente como estagiário em um centro de treinamento. No período em que atuou como atleta, de modo frequente ouviu, informalmente, de profissionais de Educação Física, que a formação inicial não supre as necessidades da prática profissional no campo da ginástica, sendo, portanto, imprescindível investimento na formação continuada. Mais tarde, com o encanto pelo potencial transformador do esporte, tornou a busca por conhecimentos uma realidade que primava pela formação de qualidade. Deste modo, o engajamento em contextos de aprendizagem diversos reafirmou o percebido por profissionais de modo informal: era preciso mais que a graduação. O mergulho nas diferentes fontes de conhecimento repercutiu na aquisição de conhecimentos técnicos, científicos e pedagógicos para o ensino da modalidade, valorizando aqui também, e, de modo representativo, as oportunidades ofertadas na formação inicial, como a inserção em iniciação científica, congressos, produção de referenciais científicos, participação em grupos de pesquisa, monitoria, extensão e afins. Contudo, não distante do que já é alertado, a jornada percorrida não se apresenta tão acessível. Frente a isso, busca-se aqui refletir sobre o papel da formação inicial na atuação prática, bem como entender como outros treinadores de ginástica artística percebem esse cenário e podem apontar contribuições.



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A presente revisão está dividida em quatro tópicos que fundamentam a problemática do estudo, partindo de uma perspectiva mais ampla sobre aprendizagem de treinadores esportivos para ao final compreender a intervenção profissional do treinador de ginástica artística (Figura 1). Deste modo, o primeiro tópico destaca o treinador esportivo, suas atribuições e como o aprendizado dos conhecimentos pressupostos em sua atuação ocorre em diferentes contextos. O segundo tópico busca elucidar a formação inicial como uma das fontes de conhecimento dos treinadores esportivos, apontando o processo de consolidação da Educação Física como um campo de atuação profissional no Brasil e as problemáticas inerentes a esse contexto. O terceiro tópico abrange especificamente a temática da ginástica artística na formação inicial em Educação Física. Por fim, o quarto tópico trata da atuação profissional do treinador de ginástica artística, destacando as demandas que emergem nesse cenário.

Figura 1 – Estrutura da revisão da literatura



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Nessa revisão de literatura, buscamos utilizar a ideia de espiral que pressupõe um vai e volta entre os tópicos, de modo que cada um dialogue entre si e ganhe novos significados e compreensões.

### 2.1 APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DE TREINADORES ESPORTIVOS

O treinador esportivo desempenha um papel essencial em promover a participação esportiva e aprimorar o desempenho de atletas e equipes. Além disso, a atuação do treinador perpassa por diferentes objetivos sociais como contribuir para a formação pessoal, colaborar

para o desenvolvimento da cidadania, educação, saúde e bem-estar e gerar atividade econômica (ICCE, 2013). Mediante o exposto, vale ressaltar que a atividade profissional dos treinadores apresenta a complexidade de atuar com a diversidade de demandas que exigem conhecimentos de diversas ordens, incluindo conhecimentos que perpassam por diferentes áreas, como: educação, pedagogia, psicologia, gestão, economia, marketing etc. (ICCE, 2013).

A amplitude de atribuições desempenhadas pelo treinador implica em uma pluralidade de conhecimentos para sua atuação. Côté e Gilbert (2009) classificam os conhecimentos do treinador em três categorias: profissional, intrapessoal e interpessoal. A primeira refere-se aos tópicos abordados nas ciências do esporte e áreas afins, que conforme Milistetd et al. (2017) são conhecimentos específicos que norteiam a intervenção do treinador, de modo a orientar o processo de ensino-aprendizagem de atletas. Assim, destacam-se sobretudo os conteúdos relativos à biodinâmica, psicologia sociocultural, gestão, legislação, teoria e metodologia do esporte (EGERLAND; BOTH; NASCIMENTO, 2009; MILISTETD et al., 2017). A segunda categoria trata dos conhecimentos interpessoais, que fazem referência as relações e interações com o atleta, assistentes técnicos, pais e demais envolvidos na modalidade, visto que o trabalho do treinador não é solitário e sua efetividade pressupõe a interação com diferentes grupos de pessoas (CÔTÉ; GILBERT, 2009). Já a última categoria contempla os conhecimentos de ordem intrapessoal, que de acordo com Côté e Gilbert (2009), são evidenciados nas oportunidades do treinador gerar as reflexões, agir de forma introspectiva e desenvolver autoconhecimento.

A aquisição dos conhecimentos citados anteriormente é necessária para o desenvolvimento de treinador. Dessa forma, o termo “desenvolvimento do treinador” se refere ao processo de aprimoramento de suas competências, sendo este fomentado por uma gama diversificada de oportunidades de aprendizagem (MALLETT et al., 2009). Considerando a amplitude de saberes requeridos ao treinador e baseando-se em pressupostos da educação destacados por Coombs e Ahmed (1974), os pesquisadores Nelson, Cushion e Potrac (2006) utilizam as terminologias (a) aprendizagem formal, (b) aprendizagem não formal e (c) aprendizagem informal para classificar os contextos percorridos por treinadores esportivos em seu desenvolvimento profissional.

Coombs e Ahmed (1974) apontam a aprendizagem formal como um sistema altamente institucionalizado que segue uma estrutura cronológica e hierárquica, abrangendo o ensino fundamental até os níveis universitários. Transpondo essa definição para o contexto de aprendizagem do treinador, as atividades formais incluem uma ampla escala de programas de certificação que são desenvolvidos por organizações nacionais do esporte e cursos em ciências do esporte e treinamento esportivo (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). O âmbito não

formal abrange quaisquer atividades educacionais sistematizadas e organizadas fora da estrutura formal para grupos populacionais específicos (COOMBS; AHMED, 1974), incluindo conferencias, seminários e clínicas de treinadores (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Por último, a aprendizagem informal é resultado do processo onde o indivíduo adquire e acumula saberes por meio da exposição à diferentes experiências e ambientes (COOMBS; AHMED, 1974). A vivência como ex-atleta, a interação com outros treinadores e a própria prática profissional compõem as oportunidades informais de aprendizagem (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Considerando o modelo de Nelson, Cushion e Potrac (2006), diversos autores têm se dedicado a estudar as fontes de aprendizagem de treinadores. O estudo de Gonzalez-Rivera et al. (2017) avaliou as fontes de conhecimento de 675 treinadores espanhóis de diferentes esportes e observou que, embora os treinadores diferissem entre sexo, nível competitivo e tempo de experiência profissional, o conhecimento para o exercício da profissão é citado com frequência como oriundo de trocas de conhecimento e observações de outros profissionais, bem como experiências prévias como atleta. Stoszkowski e Collins (2016) realizaram um estudo com 320 treinadores de diferentes contextos e nacionalidades e verificaram que 92,63% dos métodos citados como preferidos para aquisição de conhecimentos são informais, 5,8% não formais e 1,56% formais. De modo similar, o estudo conduzido por Mesquita, Isidro e Rosado (2010) com 336 treinadores portugueses de 22 modalidades apontou que estes atribuem maior importância as fontes de conhecimentos baseadas nas experiências como trabalhar com especialistas, interagir com treinadores e participar de clínicas e seminários informais. Os achados de Mesquita, Isidro e Rosado (2010) ainda apontam que treinadores com formação no ensino superior em Educação Física ou esporte valorizam mais contextos informais e não formais de aprendizagem do que os treinadores sem formação acadêmica.

De modo geral, os dados apresentados na literatura suportam ideia de treinadores esportivos valorizam mais contextos informais e não formais de aprendizagem em comparação aos formais. Stoszkowski e Collins (2016) inferem a reflexão de que a preferência reduzida ao ambiente formal está mais relacionada com a qualidade, estilo e/ou a maneira como os treinadores são ensinados do que com a efetividade desse contexto. Entretanto, Kember, Jenkins e Chi Ng (2003) destacam que não existe uma percepção de qualidade de ensino que seja universal, sendo que a preferência entre as diferentes formas de ensinar e aprender são dependentes de conhecimentos e experiências prévias de aprendizagem do indivíduo. Ainda para os autores, os aprendizes “constroem sua própria interpretação do fenômeno de bom ensino em torno de seu conjunto de crenças e conhecimentos” (p. 250).

## 2.2 FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS

O percurso da Educação Física no Brasil é reportado por Souza Neto et al. (2004) como um campo de atuação originado em 1939 e marcado pela busca de espaço e legitimação social nos anos consecutivos. Os autores ainda inferem que devido a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas, o processo formativo durante o início da década de 1940 enfatizava a docência e a intervenção no contexto escolar. De acordo com Milistetd et al. (2015), nesse período, a atuação no contexto esportivo ficava a cargo de ex-atletas que recebiam certificação de instrutores pelas federações das modalidades. A partir de Resolução CFE n. 03/1987 (BRASIL, 1987) foram reconhecidos novos espaços de intervenção para além da escola, culminando na criação do bacharelado em Educação Física e favorecendo o primeiro movimento de aproximação à atual configuração dos currículos da graduação. Nesse momento, observa-se com base em Barbosa-Rinaldi e Pizani (2012), que as instituições de ensino superior teriam a opção de decidir se formariam licenciados ou bacharéis, tendo também a opção da licenciatura generalista que permitia ao egresso a atuação em qualquer campo (fosse escolar ou não escolar). Diante das alternativas, poucas foram as instituições que ofertaram os cursos separadamente em virtude das restrições de intervenção.

Apenas uma década depois foi instituída a Lei n. 9.696/1998 que regulamenta a Educação Física como uma profissão, exigindo que a atuação do treinador esportivo esteja submetida ao registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF), para o qual a formação inicial em Educação Física é pré-requisito (BRASIL, 1998). Posteriormente, as discussões iniciadas pelos cursos de licenciatura de diferentes áreas orientaram para a promulgação das Resoluções CNE/CP n. 01 e 02/2002 (BRASIL, 2002a; 2002b) que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura, a fim de que fossem atendidas as demandas específicas para a atuação na escola. Com isso, emergiu a necessidade de estabelecer direcionamentos para a formação do bacharel, sendo publicada a Resolução CNE/CES n.07/2004 (BRASIL, 2004) que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de bacharelado em Educação Física. Dessa forma, a antiga licenciatura generalista foi extinta. Barbosa-Rinaldi e Pizani (2012) apontam que as discussões sobre a necessidade de se repensar a formação em Educação Física inferem que a mesma já não oferecia os subsídios requeridos para uma atuação adequada nos diferentes campos de intervenção, escolar ou não-escolar.

Mais recentemente as discussões foram retomadas devido à elaboração de outra proposta de reformulação curricular promulgada a partir da Resolução n. CNE/CES 06/2018 (BRASIL, 2018). De acordo com a proposta, a graduação em Educação Física terá ingresso único, destinado tanto ao bacharelado quanto à licenciatura, culminando em duas etapas durante esse percurso: (1) etapa comum, com o mínimo de 1600h, contemplando conhecimentos de formação geral na área da Educação Física; e (2) etapas específicas (licenciatura e bacharelado), com o mínimo de 1600h cada, em que os graduandos se aproximarão de conhecimentos específicos da formação de interesse (BRASIL, 2018). Assim, é pressuposto por este documento que os cursos de graduação em Educação Física adequem seus currículos de acordo com as novas diretrizes. Vale destacar que esta reformulação ainda está em curso e, até o momento, não há registros de implantação de novos currículos sob esta perspectiva.

Contudo, faz-se necessário, segundo Barbosa-Rinaldi e Pizani (2012), que as instituições de ensino superior encarem os processos de reformulações curriculares para além da legalidade, buscando que as reflexões e debates sobre as necessidades da área ganhem solidez. E nesse sentido, defendemos que a aproximação com os profissionais inseridos no campo de atuação investigado pode contribuir de algum modo para a legitimação dos discursos inseridos na formação inicial.

Nesse sentido, e também em decorrência do histórico de constituição da Educação Física e da recente necessidade de repensar a graduação nessa área, alguns autores têm se preocupado em levantar problemas e apontar caminhos possíveis de resolução daquilo que se refere ao papel da formação inicial no preparo de treinadores capazes de atuar em suas modalidades. Milistetd et al. (2014) conduziram uma investigação sobre os currículos dos cursos de bacharelado em Educação Física no Brasil e verificaram que os egressos dessa formação ainda possuem um perfil mais generalista do que especialista, com vistas a versatilidade de atuação nas áreas da saúde, lazer e desempenho esportivo. Os autores ainda interpretam os achados com base na proposta do *International Sport Coaching Framework* (ISCF)<sup>1</sup>, inferindo que o graduado estaria apto para atuar no contexto do esporte de participação, apenas não seria suficiente para intervenção como treinador de alto-rendimento devido à necessidade de percorrer outros caminhos de desenvolvimento (experiência como atleta, experiência como treinador e formação informal). Nessa direção, existe uma crítica destacada pelos autores de que, esse contexto de formação carece em aprofundamento nos conhecimentos

---

<sup>1</sup> Documento de referência elaborado com o intuito de facilitar o desenvolvimento, reconhecimento e certificação de treinadores (ICCE, 2013).

trazidos pelos próprios estudantes em virtude de suas experiências como atleta e da vivência no treinamento.

Considerando os aspectos norteadores do bacharelado em Educação Física, é necessário elucidar a importância do estágio profissional curricular supervisionado na formação profissional. Freire e Verenguer (2007, p. 116) assumem o estágio como uma “possibilidade de contato com a realidade que torna viável uma aprendizagem contextualizada dos conhecimentos técnicos, pedagógicos ou científicos apresentados nas diversas disciplinas do curso”. Nesse ponto, Milistetd et al. (2015) assinala que as experiências práticas são entendidas como essenciais ao desenvolvimento dos conhecimentos do treinador, sendo uma forma de aproximar o aprendiz às verdadeiras necessidades do campo de atuação. Entretanto, mesmo considerando a relevância desse componente curricular em possibilitar uma atuação prática de forma orientada, quando se analisa supervisão docente destinada ao estágio, é possível observar que ela é meramente pautada no cumprimento de procedimentos burocráticos e com pouca finalidade pedagógica (SILVA; SOUZA; CHECA, 2010). Por conseguinte, uma das possíveis contribuições da graduação ao futuro profissional torna-se limitada.

Outro pilar importante para o sustento da formação inicial é o uso de estratégias de ensino condizentes com as demandas do estudante. Coutinho et al. (2016) dedicaram-se a investigar a percepção de estudantes universitários aspirantes à treinadores esportivos sobre as metodologias empregadas no ensino dos esportes. Os autores constataram que, quando os professores oportunizam a prática como uma forma de dar significado os ingredientes teóricos, provocam o estudante a ser protagonista do processo de ensino-aprendizagem e cria-se um ambiente favorável à uma aprendizagem profunda e transformadora. Ou seja, o futuro treinador assume uma postura crítica, reflexiva e comprometida com os conteúdos.

Assim, observa-se que a criação de identidade do egresso bacharel em Educação Física ainda impõe desafios que extrapolam a discussão desse tópico, sobretudo aqueles relativos ao preparo para atuação no campo do treinamento esportivo. Pizani e Barbosa-Rinaldi (2014) e Pizani et al. (2019) discutem sobre a necessidade de ampliação no número de trabalhos em relação à formação, tentando obter dados que contribuam para a elaboração de currículos inovadores e que de fato tornem as formações da Educação Física correspondentes às demandas de seus campos de atuação. Destacamos que, para além dos currículos, são cabíveis estudos sobre as oportunidades de experiências práticas, estratégias de ensino e outros fatores norteadores da graduação.

### 2.3 GINÁSTICA ARTÍSTICA E O CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL

A ginástica artística possui no contexto da formação universitária em Educação Física a esperança de protagonismo e ressignificação. Isso porque, de acordo com Barbosa-Rinaldi e Souza (2003) e Carbinatto et al. (2017), exceto pelos casos particulares de ex-atletas, os estudantes chegam na graduação sem nenhum tipo de vivência com a modalidade e conhecimentos limitados àquilo que é veiculado na mídia. Além disso, no Brasil não existe um programa de formação de profissionais específico de ginástica artística, residindo na formação inicial a esperança de preparação de novos profissionais aptos ao treinamento de atletas na modalidade (NUNOMURA, 2004).

Embora essas expectativas sejam herdadas pelos cursos de graduação em Educação Física, não significa que de fato estejam sendo transpostas para a realidade. De acordo com o estudo realizado por Nunomura e Nista-Piccolo (2003), 40% dos treinadores de ginástica artística entrevistados apontam insatisfação e 33,33% satisfação parcial no que refere ao trato com a modalidade na formação inicial, destacando a falta de suporte técnico e aprofundamento pedagógico. No mesmo sentido, Schiavon et al. (2014) diagnosticaram que, embora a maioria de treinadores com graduação em Educação Física passaram por uma disciplina específica de ginástica artística, apenas 10,52% sentiram motivação em trabalhar com a modalidade em função dos conhecimentos adquiridos nesse ambiente. A investigação conduzida por Barros et al. (2017) complementa que os treinadores de ginástica artística não reconhecem a aquisição de conhecimentos específicos da modalidade na graduação. Entretanto, os autores apontam a importância da formação inicial no que tange a aquisição de “conhecimentos científicos sobre anatomia, biomecânica, fisiologia, psicologia, pedagogia, nutrição, didática, métodos de ensino, entre outras questões relacionadas ao movimento humano e ao treinamento esportivo” (p. 454).

Um dos obstáculos para o avanço nesse cenário reside no fato de que a grade curricular da graduação não favorece a aquisição dos conhecimentos pressupostos para intervenção como treinador de ginástica artística, enfatizando um caráter generalista na formação (NUNOMURA, 2001; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Compreendemos, que o trato com o conhecimento gímnico na graduação apresenta-se como uma situação complexa porque, diferentemente de outras modalidades esportivas que possuem disciplinas específicas no curso, as modalidades ginásticas normalmente são condensadas e tratadas de forma conjunta. Em busca de minimizar as adversidades dessa situação, o estudo de Barbosa-Rinaldi e Paoliello (2008) propõe uma possível estruturação

curricular das diferentes manifestações ginásticas<sup>2</sup> nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física tendo como base os saberes identificados por docentes especialistas na temática. A proposta das autoras é da existência de duas disciplinas ginásticas nos cursos. A primeira, seria comum para a licenciatura e o bacharelado, oportunizando o conhecimento dos fundamentos das diversas ginásticas com carga-horária de 102 horas/aula. De acordo com as autoras, essa disciplina deveria oferecer base para que no momento seguinte entenda-se as especificidades de cada manifestação. Na segunda, especificamente no bacharelado com 136 horas/aula, os conteúdos tratados seriam: “a) ginásticas competitivas (olímpicas e não-olímpicas); b) ginástica geral; c) construção de materiais adaptados à prática da ginástica, ligada à cultura vigente; d) ginásticas de condicionamento físico; e) ginásticas de conscientização corporal” (BARBOSA-RINALDI; PAOLIELLO, 2008, p. 237). Atualmente, contudo, essa proposta ainda é passível de reflexões considerando a ascensão do campo das ginásticas de condicionamento físico no curso de bacharelado, muitas vezes recebendo disciplinas próprias para esse conhecimento (treinamento de força, ginástica de academia, musculação, etc.). o que promoveria um deslocamento de conteúdos para disciplinas que tratam especificamente desse campo de atuação.

A partir dessa proposição, entendemos que na graduação, em função até das características dessa etapa formativa, não é possível chegar à um nível de especialização em modalidades ginásticas, mas sim na construção de uma base sólida sobre a compreensão do universo ginástico com ferramentas para buscar aprofundamento no futuro. Isso porque, a lógica interna da construção de um currículo considera as necessidades formativas de toda a área da Educação Física, além de atender as determinações legais de carga-horária fixada para algumas ações, como estágio, extensão, atividades complementares etc. Os percentuais fixos de atribuição de carga-horária impactam diretamente na estruturação da matriz curricular. As novas diretrizes curriculares nacionais para a Educação Física propostas pela Resolução CNE/CES n.06/2018 (BRASIL, 2018) evidenciam essa problemática, uma vez que um percentual da carga-horária referencial se destina ao atendimento do estágio supervisionado obrigatório (20%), extensão (10%) e atividades acadêmicas complementares (10%). Com isso, somente 60% da carga-horária fica disponível para os encaixes de disciplinas consideradas como essenciais para a formação profissional. Nesse contexto, a ginástica constitui um dos

---

<sup>2</sup> O conceito de “manifestações ginásticas” abarca o universo de conhecimento da ginástica na contemporaneidade baseado na proposta de campos de atuação clarificados por Souza (1997): ginásticas de condicionamento físico, ginásticas de competição, ginásticas fisioterápicas, ginásticas de conscientização corporal e ginásticas demonstrativas.



campos indispensáveis, mas não único. Essa análise mostra que haverá perda de espaço, mas ao mesmo tempo esse não é um problema exclusivo da ginástica.

De modo geral, é possível evidenciar com base nesse tópico, uma carência de aproximação entre os saberes contemplados na formação inicial e aqueles requisitados na prática, tornando necessário estabelecer diálogo com aqueles que atuam diretamente com a profissão para ressignificar e orientar os processos formativos. Nesse sentido, é importante considerar que nem sempre a resposta para tais demandas será em forma de propostas de organização de unidades curriculares dentro da graduação, podendo também estar relacionada aos conteúdos ministrados, as práticas pedagógicas oportunizadas, estrutura física para a vivência da modalidade etc.

#### 2.4 ATUAÇÃO DO TREINADOR NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

A ginástica artística tem sido frequentemente representada como uma modalidade esportiva que compreende movimentos complexos e um alto grau de dificuldade. Cada detalhe técnico deve ser executado com muita rigorosidade e precisão, fazendo com que se pareça fácil ao olhar de leigos, enquanto os envolvidos com a modalidade identificam a busca por perfeccionismo por trás de cada gesto (ARAÚJO, 2012). A ginástica artística masculina pressupõe o trabalho dos movimentos em seis aparelhos: solo, cavalo com alças, argolas, salto sobre a mesa, paralelas simétricas e barra fixa (FIG, 2020a). Já a ginástica artística feminina combina a execução de movimentos em quatro aparelhos: salto sobre a mesa, paralelas assimétricas, trave e solo (FIG, 2020b). Ademais, o processo de treinamento deve ser regido por regulamentos específicos de cada evento competitivo e as características de cada aparelho da modalidade. Esse cenário torna necessário que cada ação seja muito bem pensada pelo treinador, desde o processo de treinamento até o produto da competição.

Assim como em outras modalidades esportivas, a atuação do treinador de ginástica artística é caracterizada pelo desempenho de funções como o planejamento e condução de ações que favoreçam o desenvolvimento integral do atleta, em níveis técnicos, táticos, físicos e artísticos, além dos aspectos psicológicos e situacionais (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2014). Entre as características requeridas para a efetividade das ações de treinadores que atuam com a modalidade, estão a comunicação interpessoal, liderança, capacidade de detectar talentos e de analisar visualmente a execução de habilidades, prevendo os resultados desejados e monitorando os alunos (DOWDELL, 2010).

Todas essas exigências oriundas do treinamento da ginástica artística aumentam o grau de dificuldade e responsabilidade na atuação do treinador conforme é requerido dele a construção de situações de aprendizagem que sejam seguras e garantam um gesto técnico eficiente (BARROS et al., 2016). Neste ponto, Araújo (2012) preconiza que o ensino da ginástica artística é pautado em torno de duas problemáticas: (1) a aprendizagem correta da técnica e (2) a segurança de quem está praticando. Sobre este último, o autor afirma que deve ser uma preocupação constante de quem ensina, a fim de que seja mantida a segurança física e psicológica do ginasta. Isso porque, normalmente os ginastas têm grande confiança na competência de prospecção dos treinadores, depositando com frequência a sua integridade física nas mãos dos mentores esportivos (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017).

Por conseguinte, a relação entre treinador e ginasta é descrita por Bortoleto (2007) por um alto grau de intimidade, em que os treinadores são vistos como amigos e orientadores pessoais. Mais recentemente, Oliveira, Bortoleto e Nunomura (2017) apresentam uma análise onde as relações entre treinadores e ginastas são sustentadas por um paradoxo entre proximidade e distanciamento que devem ser superados para a construção de um ambiente esportivo mais positivo:

A análise da relação construída entre técnicos e ginastas, revela que ao mesmo tempo em que ela é tão próxima, devido ao contato físico constante nas ajudas manuais e às longas horas de treinamento num espaço reduzido, ela é paradoxalmente distante devido à hierarquia de poder que rege a dinâmica social do ginásio. Assim, surge a necessidade de modificar esse padrão de interação, tornando a comunicação mais efetiva entre esses protagonistas do ginásio e a relação mais equilibrada, conforme os padrões desejados na atualidade (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017, p. 647).

A habilidade de comunicação, emerge nesse contexto, como imprescindível na atuação do treinador de ginástica artística, se estendendo também no diálogo com os familiares dos atletas. Destarte, quanto mais aberta for a relação entre os agentes envolvidos no contexto da modalidade, mais potencializados serão os resultados esportivos e a formação integral dos atletas (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017).

Para complementar a complexidade das atribuições dos treinadores na modalidade, a capacidade de planejamento também é destacada na literatura científica. Bortoleto (2007) infere que a utilização dos aparelhos no processo de treinamento deve planejada com antecedência pelos treinadores. Isso porque, além da ginástica artística apresentar-se como um complexo de modalidades que combina vários aparelhos com características distintas, normalmente é necessário dividir os centros de treinamento simultaneamente com outros grupos de ginastas.

### 3 METODOLOGIA

Neste tópico são apresentados os fundamentos metodológicos utilizados para a condução da presente pesquisa.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo, que conforme Thomas e Nelson (2002), busca resolver problemas por meio de observações, análises e descrições, em que são empregadas técnicas específicas. O estudo é também classificado como um levantamento, que segundo Gil (2008) pressupõe o questionamento direto a um grupo, cujo comportamento se deseja conhecer. Destaca-se a utilização de abordagem essencialmente qualitativa que, entre outras perspectivas, perpassa pela captação de significados subjetivos de questões de interesse sob a ótica dos participantes da pesquisa (FLICK, 2013).

#### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram da pesquisa os treinadores atuantes na ginástica artística no estado de Santa Catarina. Os seguintes critérios foram elencados para seleção dos participantes: (1) ser treinador de ginástica artística filiado à Federação de Ginástica de Santa Catarina, (2) ser bacharel em Educação Física com formação posterior a 2010, (3) possuir até 10 anos de atuação profissional na modalidade e (4) possuir registro no Conselho Regional de Educação Física.

A escolha por profissionais formados a partir de 2010 se deu pelo fato de que, na teoria, estes são os primeiros egressos do currículo elaborado a partir da Resolução CNE/CES n.07/2004 (BRASIL, 2004). Além disso, a escolha por profissionais com menos de 10 anos de intervenção justifica-se com base no modelo de aprendizagem do treinador esportivo proposto por Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016). De acordo com estes autores, os treinadores com menor expertise são aqueles que mais precisam de situações de aprendizagem mediadas por terceiros (professores, educadores, formadores). Dessa forma, é possível estabelecer uma aproximação entre os participantes da pesquisa com a própria proposta do estudo. Isso porque, na formação inicial os professores são responsáveis pela mediação dos conteúdos ministrados aos estudantes durante as situações de aprendizagem.

Dessa forma, foram selecionados cinco treinadores para participar do estudo, sendo cada um dos participantes tratado na sessão de resultados pelo prefixo “T” seguido do número de identificação de 1 a 5, para garantir o anonimato.

### 3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para caracterizar os participantes da pesquisa nos aspectos mais pontuais (de acordo com os dados pessoais, dados sobre a formação inicial e experiência profissional), foi utilizado um questionário (Apêndice A).

Além disso, foi conduzida uma entrevista semiestruturada. De acordo com Flick (2013) nesse tipo de instrumento de coleta, é desenvolvido um roteiro de perguntas que contemple o escopo pretendido com a pesquisa. Boni e Quaresma (2005) complementam apontando que as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o roteiro é seguido pelo entrevistador de forma similar a uma conversa informal. Além disso, para obter êxito na aplicação do instrumento, é imprescindível que

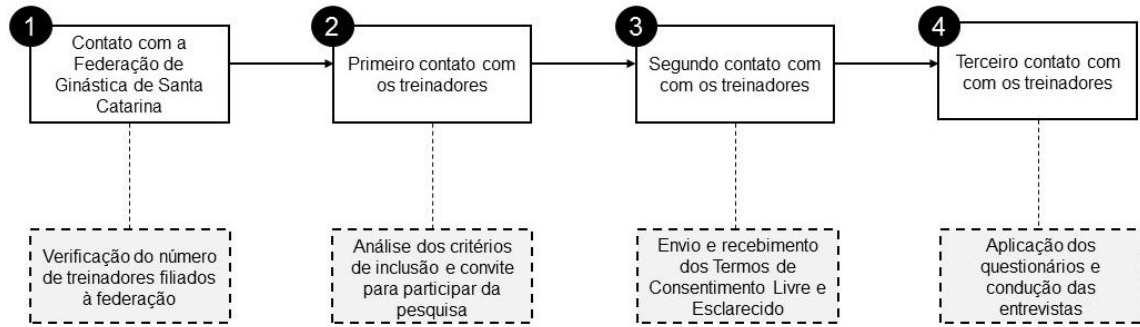
O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Considerando o exposto, a matriz analítica utilizada para a condução das entrevistas (Apêndice B) foi composta por blocos de questões que abordam o trato com o conhecimento ginástico na graduação e as lacunas da formação inicial identificadas pelos treinadores em sua atuação profissional.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A síntese do percurso para a coleta de dados é ilustrada na Figura 2, destacando a passagem por quatro etapas: (1) mapeamento dos treinadores de ginástica artística, (2) contato inicial com os treinadores, (3) envio e posterior recebimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e (4) aplicação do questionário e condução da entrevista por meio de plataforma *online* de áudio e vídeo.

Figura 2 – Etapas para coleta de dados da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

A primeira etapa pressupôs o contato direto com a Federação de Ginástica de Santa Catarina para obtenção da listagem de treinadores atuantes na ginástica artística que estão filiados à entidade. Dessa forma, foi possível identificar quem são treinadores, o município em que atuam e o contato para que fossem convidados a participar da pesquisa.

A partir disso, iniciou-se a segunda etapa, em que os treinadores foram contatados para esclarecimento da pesquisa e conferência de preenchimento dos critérios de inclusão. Ao atenderem todos os critérios, eles foram convidados a participar do estudo.

Em seguida, os treinadores receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido via e-mail institucional dos pesquisadores. Apenas após o retorno do e-mail com o documento assinado, foi possível agendar um horário para a condução da entrevista *online*. Esse procedimento busca caracterizar o acordo estabelecido entre pesquisadores e participantes por meio dos seus endereços eletrônicos. Visto que, estes são considerados meios rastreáveis de comunicação e garantem a autenticidade e tempestividade dos documentos por constar informações de data e hora de envio e recebimento, sendo acessáveis somente por meio de usuário e senha.

Na quarta etapa, a aplicação do questionário de caracterização do treinador e a condução da entrevista ocorreu por meio de plataforma *online* de áudio e vídeo, de modo que possibilitou uma flexibilidade aos participantes e ao pesquisador para se contatarem de suas casas ou trabalhos. Os participantes foram orientados a escolher um local confortável e silencioso. Cada entrevista contou apenas com a presença do entrevistado e do pesquisador. Todo o decorrer da entrevista foi gravado com a autorização dos participantes.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados obtidos nas entrevistas ocorreu por meio da técnica de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), que permite identificar, analisar e relatar padrões, isto é, temas dentro dos dados. Ademais, é possível organizar e descrever o conjunto de dados em detalhes. Para tanto, foram seguidas as etapas identificadas pelas autoras e descritas a seguir.

No primeiro momento ocorreu a familiarização com os dados, no qual o primeiro autor realizou a transcrição, leitura e releitura das entrevistas para potencializar aproximação e detalhamento com o material. A segunda etapa teve como função gerar códigos iniciais para identificação de pontos relevantes e de interesse com base nos objetivos do estudo. A terceira etapa contemplou a busca por temas em comum entre os códigos iniciais. Para melhor visualização dos códigos iniciais nessa etapa, foi necessário criar um mapa temático com a utilização do *software Microsoft PowerPoint*. Nesse momento, os códigos iniciais foram revistos e recodificados quando necessário. Em seguida, na quarta etapa, com base no mapa temático e na identificação de coerência entre os códigos iniciais em comum, foram agrupados temas mais amplos que tivessem relação com o conjunto de dados. A penúltima etapa pressupôs definir e nomear os temas, na qual se realizou um novo refinamento e a atribuição de nomes claros e representativos em cada tema. Por fim, a sexta etapa foi caracterizada pela produção do relatório final descrito na sessão de resultados. Este relatório foi revisto por outros dois pesquisadores experientes nesse tipo de estudo.

Após a análise dos dados, foram elencados três temas e doze subtemas de forma indutiva sobre as considerações dos treinadores acerca do processo de formação inicial pelo qual percorrem.

### 3.6 ASPECTOS LEGAIS

O projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina sob parecer n. 4.079.059 (Apêndice C) e os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D). Os pesquisadores se comprometeram em iniciar a coleta de dados apenas após o recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por cada participante (Apêndice E). A instituição envolvida teve ciência da pesquisa e ao aceitar a participação, assinou do Termo de Concordância (Apêndice F).

## 4 RESULTADOS

A seguir são descritos resultados obtidos no estudo, destacando inicialmente o perfil dos participantes e em seguida suas percepções sobre a formação inicial em Educação Física.

### 4.1 PERFIL DOS TREINADORES

O grupo de participantes do estudo é composto por três treinadores do sexo feminino e dois do sexo masculino, com média de 25,8 anos de idade. Os dados referentes ao perfil dos treinadores são descritos na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos treinadores participantes

	Idade (anos)	Sexo	EG	ET	TFP	IES	PG	Categoria que atua	Nível competitivo	Árbitro
			(anos)							
T1	25	F	11	6	4	UP	CTD	GAF (Pré-infantil, infantil, juvenil e adulto)	Estadual	GAF Estadual
T2	24	F	13	6	3	CUP	ETD	GAF (Infantil)	Estadual	-
T3	31	M	10	7	9	UP	BI	GAF (Pré-infantil, infantil e juvenil)	Estadual	-
T4	23	F	8	5	2	FP	-	GAF (Pré-infantil, infantil e juvenil)	Estadual	-
T5	26	M	6	5	5	CUP	TDI	GAM (Pré-infantil, infantil, juvenil e adulto)	Estadual	GAM Estadual
Média	25,8	-	9,6	5,8	4,6	-	-	-	-	-

Legenda: T = treinador; F = feminino; M = masculino; EG = experiência como ginasta; ET = experiência como treinador; TFP = tempo de formação profissional; IES = instituição de ensino superior; UP = universidade privada; CUP = centro universitário privado; FP = faculdade privada; PG = pós-graduação; CTD = cursando treinamento desportivo; ETD = especialista em treinamento desportivo; BI = biomecânica interrompida; TDI = treinamento desportivo interrompido, GAF = ginástica artística feminina; GAM = ginástica artística masculina.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

É possível observar que todos os treinadores tiveram experiências como atletas da modalidade (média de 9,6 anos) e iniciaram sua atuação antes mesmo do início do processo de formação profissional, acumulando, na maioria dos casos, mais tempo de atuação com a modalidade do que o tempo de formação profissional. No caso de T3 e T5, o tempo de formação profissional apresentado na tabela é maior ou equivalente em função da inserção em outros campos de atuação profissional e descontinuidade na intervenção dentro da ginástica artística.

Todos treinadores concluíram a graduação em instituições de ensino privadas, variando apenas em relação à classificação da instituição. Assim, T1 e T3 passaram pelo percurso formativo em universidades, T2 e T5 em centros universitários e T4 em faculdade. É possível observar que, dentre os treinadores que buscaram especialização, todos optaram em estudar aspectos biodinâmicos do desempenho humano, como treinamento esportivo e biomecânica. Contudo, apenas T2 concluiu a especialização, enquanto T1 ainda está cursando e T3 e T5 interromperam o curso.

Com relação à atuação profissional, apenas o T5 trabalha com a ginástica artística no modalidade masculina e o restante com na feminina. A maioria dos treinadores é responsável pelo treinamento de atletas de diferentes faixas etárias (entre as categorias pré-infantil, infantil, juvenil e adulto). Todos os treinadores promovem a participação de seus atletas em competições de nível estadual. No caso de T1 e T5, a atuação profissional incluí também a arbitragem da modalidade.

#### 4.2 PERCEPÇÕES DOS TREINADORES SOBRE O PERCURSO DA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A figura 3 apresenta uma síntese dos temas gerados a partir da análise temática.

Figura 3 – Apontamentos sobre a formação inicial na perspectiva dos treinadores

<b>Contribuições da formação inicial</b>	<b>Aspectos limitantes da formação inicial</b>	<b>Reflexões conduzidas após a formação inicial</b>
Aplicação de conhecimentos	Insatisfação com a disciplina de ginástica	Maiores vivências práticas
Incentivo a vivências fora da instituição de ensino superior	Falta de articulação entre as disciplinas	Supervisão e interação com outros treinadores
Estrutura física da instituição de ensino superior	Estágio obrigatório com pouca relevância	Busca por conhecimentos para o treinamento da modalidade
Mediação efetiva do professor	Falta de projetos sobre ginástica	Busca por conhecimentos intrapessoais e interpessoais

Fonte: elaborado pelo autor (2020).



#### 4.2.1 Contribuições da formação inicial

O processo de formação inicial em Educação Física é relatado pelos treinadores com diferentes percepções, sendo algumas delas destacadas positivamente. A mediação efetiva do professor no processo de ensino-aprendizagem é apontada como capaz de minimizar as limitações de espaço para a prática da ginástica artística, conforme destaca T1: “A sala não era muito grande pelo número de alunos, mas nisso a metodologia do professor foi legal, ele fazia em grupos ou revezava as turmas. Então conseguia trabalhar bem nesse sentido de espaço físico”. Além disso, a mediação dos professores de disciplinas que não fossem de ginástica foi um aspecto importante, uma vez que buscavam articular a ginástica artística na unidade curricular em que atuavam. T4 comenta:

Os meus professores buscavam relacionar com a ginástica sim. Eles sempre pegavam os esportes que os alunos da sala praticavam e sempre tentavam relacionar. Eles eram bem legais nessas situações, sempre tentavam mostrar como funcionava na ginástica.

A estrutura física das instituições de ensino onde os treinadores cursaram a graduação foi vista como suficiente para vivenciar a modalidade, conforme aponta T2:

A gente não tinha muitas coisas, mas a gente tinha uma trave, colchões, trampolins. [...] A gente tinha um espaço bem legal sim. Se fosse para dar aula na universidade também daria. Eu já trabalhei com muito menos, por exemplo, sem material nenhum.

Além disso, algumas vezes, a própria instituição estabelecia convênios com centros de treinamento para que as limitações estruturais fossem vencidas. Acerca disso, T5 informa:

Na verdade, as minhas aulas de ginástica foram aqui no meu ginásio mesmo [onde o treinador trabalha atualmente], porque a minha universidade tem parceria com o município. Então todas as aulas são nos polos [centro de treinamento de cada modalidade promovida pelo município]. A aula de ginástica é no ginásio de ginástica, o atletismo é na pista de atletismo, natação é na piscina de natação. De estrutura eu não tenho do que reclamar.

A universidade é destacada também por apresentar aos alunos possíveis campos de atuação profissional dentro da modalidade. Neste sentido, T1 aponta que a possibilidade de visitar um centro de treinamento de ginástica artística foi o ponto forte da disciplina de ginástica na graduação: “A gente fez uma visita ao centro de treinamento e eu acredito que aquela

vivência ali foi muito mais rica do que, talvez, três meses dentro da sala de aula ou mesmo nas práticas que a gente teve com o professor”.

Todos os treinadores reconhecem a aplicação de conhecimentos adquiridos neste período. Entre os conhecimentos, aqueles relacionados ao treinamento esportivo parecem ter sido evidenciados pelos treinadores, como aponta T2: “Na época que eu fui atleta, o meu técnico não tinha formação de faculdade, então a faculdade foi muito importante para mim porque eu aprendi periodização de treinamento, que não acontecia na época em que eu fui atleta, sabe?”. Já T1 aponta que os conhecimentos sobre pedagogia do esporte são os mais evidentes em sua prática profissional: “Eu percebo que o que utilizo mais são as vertentes pedagógicas, por exemplo, o que ensinar, como ensinar, planejamento de treino, metodologias que eu posso utilizar”. T3 e T5 inferem também que os conhecimentos adquiridos na disciplina de psicologia do esporte têm grande aplicabilidade no contexto da ginástica artística: “Eu vejo que a gente usa bastante a parte da psicologia do esporte dentro da modalidade” (T3).

#### **4.2.2 Aspectos limitantes da formação inicial**

Mesmo que a graduação em Educação Física apresente componentes relevantes para a formação dos treinadores, existem muitos aspectos que tornam esse processo formativo limitado, sobretudo quando o olhar se volta especificamente para a ginástica artística. A fala da T2 contribui para o entendimento desse fato: “A experiência que eu tive na faculdade foi uma experiência muito ruim mesmo, então eu me coloco no lugar daquelas pessoas que estavam na faculdade buscando conhecer a ginástica e não conheceram”.

A insatisfação com a disciplina de ginástica é vista na fala de todos os treinadores a partir da indicação de diversos fatores. A carga-horária parece ser um pontapé inicial para o descontentamento com essa etapa formativa. A maioria dos currículos na graduação dos treinadores oferecia apenas uma disciplina que precisava contemplar todas as manifestações ginásticas, o que nem sempre é possível. Sobre isso, T1 aponta: “Tive uma disciplina, dentro da grade, que abordava todas as ginásticas. Hoje, conhecendo todas as ginásticas, eu vejo que existe muito mais do que foi apresentado para gente lá na graduação.”

A falta de proximidade com as modalidades ginásticas por parte dos professores que conduziam essas disciplinas se apresenta como outro fator que contribuiu para o descontentamento com o que é estudado. T1 destaca: “Eu esperava ver a ginástica de uma outra perspectiva, porque eu só tinha a da prática como atleta e acabou que com a falta de conhecimento do professor ou vivência, ele acabava utilizando muito do que eu sabia como

atleta”. Nesse sentido, T4 complementa: “A professora praticamente queria que eu conduzisse a aula, foi muito péssimo”.

Sobre a condução da disciplina, a forma como a estrutura física foi utilizada também foi vista como um problema. Se por um lado, os treinadores apontam que espaço para a vivência da ginástica artística era suficiente, por outro, a forma como era explorado poderia ter sido mais proveitosa, como destaca T5: “[...] a gente não explorava tanto o ginásio. O que a gente mais usava era o solo, o plinto e o trampolim”.

Como consequência disso, os treinadores relatam que a vivência como atleta teve pouca oportunidade de ser ressignificada e aprimorada para a atuação profissional durante a disciplina, conforme destaca T2: “Eu uso a metodologia de treino de quando eu era atleta [...]”. Embora os treinadores percebam aplicar conhecimentos de outras áreas da Educação Física, quando a ênfase é em ginástica artística o mesmo não acontece. Sobre isso, T3 comenta: “Eu percebo que aplico bastante [conhecimentos da graduação], mas de ginástica não. Da ginástica, na minha graduação, era uma coisa que eu já sabia então não agregou muita coisa porque já tinha vivência”. A problemática desse cenário é reforçada quando os treinadores reconhecem que apenas a prática como atleta não é suficiente para a atuação, sendo necessário aprofundar as discussões dentro da graduação, conforme aponta T1:

Para qualquer modalidade ali, eu poderia fazer um treino básico. Dentro da ginástica... *Puts*, o que eu coloco na parte inicial, o que eu coloco na parte principal? Qual a melhor forma de encaixar e desenvolver isso? Como eu vou ensinar um elemento em partes se na minha prática como atleta eu aprendia direto o elemento todo.

Nessa perspectiva, T2 aponta para a falta de conteúdos sobre a pedagogia da ginástica artística como uma barreira nesse processo de ressignificar as experiências prévias como ginasta.

[...] Mas eu queria um professor que me desse um caminho, por exemplo, maneiras de como trabalhar a criança, abordagens pedagógicas de como ensinar ginástica diferentes das que eu fui ensinada, sabe? Maneiras diferentes de abordar e ensinar, não só a parte de história de ginástica.

Quando pensamos a formação inicial para além da disciplina de ginástica, ao contrário das experiências de T3, T4 e T5, o percurso de T1 e T2 apresentou uma desarticulação entre o conteúdo da ginástica artística e as diferentes unidades curriculares do curso. Neste ponto, T2 comenta: “[...] Na biomecânica meio que era abordado só musculação. Não era abordada a

biomecânica em cima de outras modalidades esportivas, sabe? Com as outras disciplinas também. Era sempre mais voltado para musculação mesmo”.

A disciplina de estágio obrigatório também foi percebida pelos treinadores com pouca relevância, contendo diferentes apontamentos para essa conclusão. Em geral, os treinadores conciliavam uma jornada como atletas e auxiliares dos treinadores de seus clubes durante a graduação e assim, realizaram seus estágios obrigatórios nestes locais em que já estavam inseridos: “Acho que é até meio vergonhoso falar isso, mas no meu estágio era permitido fazer o estágio no lugar que você já trabalhava. Então, eu já fiz o meu estágio no meu horário de trabalho que era com a escolinha de ginástica artística, no caso” (T3). Esse processo carrega algumas limitações quando os treinadores não conseguem separar a atuação como atleta, auxiliar dos treinadores e a etapa formativa do estágio, como destaca T1:

Como a minha rotina era muito intensa e muito dentro do ginásio [de ginástica], acabei optando por fazer o estágio em gestão e o de treinamento dentro do que eu já conhecia. Hoje me arrependo porque poderia ter sido uma oportunidade de ter outras vivências. [...] Eu esperava aprender mais e ter mais tempo com eles [treinadores do clube]. Mas como eu estava nessa bagunça de trabalhar, treinar, estudar e muita coisa ao mesmo tempo, acabei não dando tanta atenção para o estágio.

Outro fator que limitou a relevância do estágio foi a supervisão docente prestada na disciplina, conforme aponta T4: “[...] Ele [o professor] não ia no local onde eu atuava. Isso nunca aconteceu. Simplesmente eu escrevia o que acontecia durante a semana no treino, a supervisora local assinava, e eu levava para faculdade”.

Os treinadores destacam que quando existiam aulas da disciplina do estágio em sala, não haviam oportunidades de discutir as experiências, apenas fazer apontamentos sobre a escrita do relatório final solicitado na disciplina. Sobre isso, T5 destaca: “[...] Basicamente as discussões se baseavam em cima dos questionamentos sobre o desenvolvimento do relatório final de estágio e nada a mais do que isso”. No caso de T1, existiam momentos para debater o processo de estágio em sala de aula, contudo não com um direcionamento que favorecesse um maior significado e compreensão das experiências:

A metodologia era assim, a gente tinha um caderno de anotações e ali a gente colocava por dia tudo que tinha sido feito no estágio. A gente voltava na semana seguinte e discutia sobre aquela semana. Ficava, confesso, um pouco vago porque cada um trazia algum ponto do que achou mais interessante, mas não tinha um direcionamento. Por exemplo: “nessa semana a gente vai entender essa parte da gestão, vejam como funciona”.

A falta de projetos de pesquisa, extensão, monitoria ou campeonatos universitários que fossem relacionados à ginástica artística também contribuiu na percepção de limitações dessa etapa formativa: “Eu fui atrás desses campeonatos que eu gostaria de participar. Intercâmbio eu também tive muita vontade de fazer, mas sempre foi uma coisa que nunca eu tive muitas respostas. Era algo meio que ao Deus-dará na minha faculdade, sendo bem sincera” (T2). Ainda que a presença desses projetos fosse inócua, existia interesse por parte dos treinadores, conforme a fala de T1: “A gente não tinha nada se desenvolvendo nesse sentido até no ano que eu saí da universidade. E com certeza eu teria me interessado mais se tivesse esse direcionamento”.

Sobre a ausência desses projetos, T3 comenta sobre a valorização de outras modalidades em detrimento da ginástica artística: “Era tudo mais voltado para esportes coletivos. Tudo voltado para as quatro modalidades: futebol, futsal, vôlei e handebol. Como se só tivessem essas modalidades para trabalhar”.

#### **4.2.3 Reflexões conduzidas após a formação inicial**

Considerando as contribuições e limitações de passar pela graduação em Educação Física, os treinadores relatam que ao finalizar este percurso de formação, não se sentiam aptos à trabalhar com a modalidade: “Quando eu saí da faculdade eu queria trabalhar com isso [ginástica artística], mas não sabia como, era tão difícil e parecia tão escuro” (T1). Posto isso, os treinadores apontam diferentes reflexões feitas após a formação inicial.

T3 aponta para a necessidade de maiores vivências práticas antes de assumir uma colocação no mercado de trabalho: “Para mim, faltava bagagem ainda. Eu precisava de mais, ficar um tempo nos bastidores para depois assumir a função de principal. Então quando eu sai para trabalhar com a ginástica, eu não me sentia muito seguro”. Como complemento, T4 infere que sua intervenção foi aprimorada à medida em que foi exposta à mais vivências de prática profissional: “É porque são situações, eu acho que quando mais você vivencia... Mais você vai estar apto” (T4). Além de vivências profissionais, T3 destaca a importância de experienciar a modalidade enquanto praticante:

Não precisa ser atleta, mas ter uma vivência. As vezes a pessoa nunca foi, mas quer ensinar a ginástica artística. Mas como você vai ensinar, trabalhar o medo se você nunca passou por aquilo? Como você vai motivar, se nunca passou por isso? Porque para você mandar é muito fácil, pra executar são outros quinhentos. [...] Então você precisa ter passado por uma vivência básica da ginástica. Não necessariamente atleta, mas uma vivência básica.

A falta de práticas pedagógicas com a modalidade parece gerar uma necessidade de supervisão durante a prática profissional para direcionar a intervenção, conforme relata T4: “[...] Me sentia apta para dar aulas tendo uma supervisão, mesmo que de longe. Mesmo que não seja diária, mas tendo uma pessoa que é superior a mim dizendo que está certo ou não”.

Nesse sentido, a interação com outros treinadores parece ter sido buscada para promover o desenvolvimento profissional após a graduação: “Trocas com outros treinadores, com outras pessoas que estudam a mesma área, com treinadores que já se aposentaram, por exemplo. Todas essas experiências desses profissionais foram muito importantes, dali eu tirava o melhor, o que fazer e não fazer” (T1). Para T5, as vivências de outros treinadores trazem importantes subsídios para a intervenção profissional:

A gente precisa de uma outra visão, uma visão de fora. Uma experiência de alguém mais velho, que já passou pela mesma situação, que já conseguiu ensinar aquele elemento. A gente precisa de uma segurança em saber que deu certo daquela forma com tal pessoa. Porque se deu certo, pode ser, que o meu atleta seguindo o mesmo caminho também consiga chegar naquele elemento com segurança.

De acordo com T3, interagir com diversos treinadores foi necessário para adquirir novas percepções sobre a execução dos gestos técnicos da modalidade:

Os olhares, olhares de onde está o erro. Eu tinha bastante essa troca com a [treinadora do clube onde T3 trabalhou], mas com os outros professores que estavam ali também. Porque as vezes você se acostuma tanto com a visão de um professor, que o outro acaba vendo algo que ele não viu. Então dentro do ginásio a gente tinha bastante essas trocas.

A insatisfação com as disciplinas de ginástica parece gerar entre os treinadores uma necessidade de busca por conhecimentos para subsidiar o treinamento da modalidade. Sobre isso, T2 relata:

Mas o que eu uso mais para ginástica hoje em dia, são os cursos de treinamento funcional, porque é mais voltado para preparação física. É muito utilizado para todas as modalidades esportivas. Ele é geral, eu uso muito. Vi que era eficiente e fui aplicando ele na ginástica artística.

A maior parte dos treinadores aponta para a necessidade de busca por conhecimentos que sejam específicos da modalidade, como é o caso de T3: “Ano passado eu fiz todos os cursos

da Federação de Santa Catarina, Federação do Paraná... fiz alguns cursos da Federação de São Paulo também. Tudo sempre voltado para ginástica artística”. Já T1 aponta que, além dos conhecimentos técnicos, tem buscado conhecimentos intrapessoais e interpessoais:

Depois da graduação eu percebi “quero ser treinadora”, então fui buscar os conhecimentos específicos nesses cursos [...]. São cursos técnicos, cursos de arbitragem e cursos conhecimento pessoal. Acredito que eu utilize muito mais disso para conseguir passar o conhecimento hoje do que aquilo da graduação. [...] Além do desafio dessas competências físicas, acredito que a gente vai estar sempre se desenvolvendo nessa parte de relações.

## 5 DISCUSSÃO

Os treinadores participantes deste estudo apresentam-se como um grupo jovem e com ampla experiência prévia como atletas de ginástica artística. Sobre isso, alguns estudos apontam que ter praticado a modalidade é um fator importante na escolha pela atuação como treinador de ginástica artística (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003; CARBINATO et al., 2010; SCHIAVON et al., 2014), uma vez que essas vivências conferem um entendimento básico sobre a modalidade e possibilidade de visualização de outros treinadores atuando (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007). É possível perceber também que a intervenção dos participantes como treinadores antecede o ingresso na formação inicial em Educação Física, o que pode ser um reflexo histórico da constituição desse campo de atuação e muitas vezes se apresenta como uma barreira cultural na legitimação desse percurso formativo.

A partir da análise das percepções sobre a formação inicial em Educação Física dos treinadores foi possível identificar que esse contexto de aprendizagem conecta diferentes perspectivas sobre sua efetividade. Acerca dos aspectos positivos da graduação, os treinadores relatam aplicar conhecimentos profissionais, como treinamento esportivo, pedagogia do esporte e psicologia do esporte. Em consonância com esses achados, Barros et al. (2017) verificaram que a formação inicial é destacada por treinadores *experts* de ginástica artística pela aquisição de conhecimentos de base para intervenção profissional no contexto esportivo e não os conhecimentos específicos da modalidade. O estudo de Cortela et al. (2017) realizado com treinadores de tênis relata também que os treinadores com formação inicial em Educação Física apresentam maior autopercepção de competência em conhecimentos e habilidades profissionais. Em contribuição, o estudo de Mesquita et al. (2010) destaca que os treinadores com graduação tendem a valorizar mais a aplicação dos conhecimentos de ordem profissional. Esses achados tornam importante a reflexão do papel desse percurso formativo na aquisição de conhecimentos próprios das ciências do esporte, bem como sua aplicação e refinamento na prática profissional.

A fala dos treinadores sobre a estrutura física utilizada nas disciplinas específicas de ginástica contribui para uma possível quebra de paradigma quanto à necessidade de contar com locais equipados com aparelhos oficiais da modalidade. Isso porque os treinadores destacam que o ambiente para as vivências práticas na instituição de ensino era suficiente, mesmo quando havia poucos aparelhos. De acordo com Schiavon e Nista-Piccolo (2007), esse paradigma ecoa também na atuação de professores de Educação Física Escolar que optam em não trabalhar a ginástica nesse contexto. Nesse ponto, é necessário destacar que muitos equipamentos da



modalidade podem ser adaptados, desde que ofereçam a segurança necessária para a prática (SCHIAVON, 2003; SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007).

A possibilidade de estabelecer parceria entre as instituições de ensino superior e centros de treinamento da modalidade pode ser um avanço na solução das limitações estruturais e ainda proporcionar uma aproximação entre o campo científico e da prática profissional. Contudo, Carbinatto et al. (2010) constataram que esse cenário ainda é uma realidade para poucos no contexto da ginástica artística, refletindo em uma preocupação relacionada com a busca por parte das instituições de ensino superior por parcerias com treinadores ou vice-versa.

Acerca dos aspectos negativos elencados pelos treinadores, a falta de aproximação dos professores responsáveis pelas disciplinas de ginástica com os conteúdos ensinados foi responsável por parte do descontentamento com essas unidades curriculares. A literatura científica retrata uma realidade muito similar quanto ao desconhecimento sobre a ginástica para todos por parte de docentes de diferentes disciplinas da graduação em Educação Física (PIZANI; SERON; BARBOSA-RINALDI, 2009) e docentes de disciplinas específicas de ginástica (SILVA, 2015). O conjunto desses dados possibilita a inferência de que os professores universitários, sobretudo àqueles responsáveis por unidades curriculares de ginásticas, necessitam de maior aprofundamento e compreensão sobre o universo das modalidades gímnicas como um todo. Nesse ponto, Barbosa-Rinaldi e Sousa (2003) trazem reflexões há quase duas décadas sobre o ciclo de desconhecimento da ginástica e que, por meio dos achados no presente estudo, pode ser compreendido ainda como um problema da atualidade na formação profissional. Neste ciclo, o desconhecimento da ginástica é consolidado na Educação Física Escolar, reafirmado na universidade e refletido na formação profissional novamente, inclusive na atuação docente (BARBOSA-RINALDI; SOUSA, 2003). A mudança nesse cenário, de acordo com Borges (1997, p. 157), perpassa por:

Dar voz aos alunos, refletir a respeito das suas experiências anteriores à formação acadêmica e dos saberes que vêm acumulando em suas trajetórias. Buscar a formação de profissionais reflexivos, a partir de uma nova compreensão do trato com o conhecimento na universidade e de uma nova visão dos saberes docentes.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento de um curso de bacharelado em Educação Física pressupõe que os docentes estejam envolvidos com a produção científica em suas áreas de modo que a formação profissional seja sustentada constantemente com novos conhecimentos (TANI, 2007). Os achados de Ciampolini et al. (2019) denotam que o contato constante com a literatura científica pode facilitar a relação entre as estratégias de ensino adotadas no contexto

universitário e as tendências debatidas na comunidade científica sobre o desenvolvimento do treinador esportivo. O que nos leva a refletir sobre como a produção científica em ginástica tem sido consolidada no Brasil, mostrando ainda um número restrito para suportar a atuação profissional nos diferentes contextos, além de estar centralizada em instituições de ensino das regiões sul e sudeste do país (MARINHO; BARBOSA-RINALDI, 2010; BEZERRA et al., 2014; BARROS et al., 2016; SIMÕES et al., 2016; OLIVEIRA; PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2020). Sendo assim, acredita-se que à medida que os docentes buscarem um maior engajamento na produção de conhecimento sobre as diferentes manifestações ginásticas em suas instituições de ensino, será possível avançar também na compreensão desse campo de atuação, suas necessidades e possibilidades na formação profissional.

A forma como os professores conduzem as aulas das disciplinas ginásticas parece ter gerado poucas oportunidades de ressignificar as experiências prévias que os treinadores tiveram como atletas. Neste ponto, os achados de Schiavon et al. (2014) corroboram ao afirmar que, as aulas de ginástica na graduação não favorecem reflexões de modo que os estudantes, com vivências como praticante ou atleta da modalidade, agreguem novas perspectivas e formas de atuação quando estiverem inseridos no campo profissional. Ainda para os autores, isso resulta em um grande número de treinadores reproduzindo suas experiências como atleta na prática profissional, sejam elas positivas ou negativas, geralmente sem fundamentação ou reflexão.

Um dos aspectos que deve ser levado em consideração é a posição que os treinadores ocuparam durante o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os relatos apontam para um excesso de responsabilidade imposta a eles na apresentação da modalidade para a turma na graduação. De fato, o aprendizado pode ser um processo mais significativo quando o ensino é centrado no aprendiz, ou seja, quando quem aprende é ativo no processo compartilhando suas experiências, discutindo e refletindo em grupo (WEIMER, 2002). Contudo, algumas premissas devem ser respeitadas para que as relações entre professor e estudante não se invertam e prejudiquem o processo de ensino-aprendizagem, sendo elas: (1) que a responsabilidade inicial de aprendizagem é do professor e, paulatinamente, pode ser compartilhada com os aprendizes mediante a apresentação de engajamento e interesse pelas temáticas abordadas e (2) que a proporcionalidade de “poder” entre professor e estudante deve ser feita de forma equilibrada, dinâmica e gradual considerando a maturidade e autonomia conquistada pelos próprios estudantes (WEIMER, 2002; CIAMPOLINI et al., 2017).

Ainda no que se refere às disciplinas ginásticas, existe um descontentamento com a carga-horária destinada a elas no currículo da graduação. De fato, devemos encarar isto como uma limitação da formação inicial, que ao possuir um caráter mais generalista, não permite uma

especialização em modalidades específicas. Em função disso e considerando que é impraticável que todas as manifestações ginásticas sejam experienciadas na graduação, Barbosa-Rinaldi e Paoliello (2008, p. 237) propõem que algumas delas sejam privilegiadas no currículo de modo que sejam minimizados os contratempos desse cenário:

É importante que os acadêmicos adquiram noções básicas da ginástica artística, da ginástica rítmica e dos esportes acrobáticos, por meio de vivências e pesquisando as diversificações que a partir deles podem ser construídas. Escolhemos essas manifestações por terem mais tradição cultural em nosso país, e porque juntas trabalham elementos gímnicos que dão base para outras manifestações competitivas.

O estágio supervisionado, de modo geral, não é compreendido como uma etapa significativa na formação dos treinadores, sobretudo quando olhamos para os relatos de falta oportunidades de compartilhamento de informações com os colegas da turma e de supervisão docente. De acordo com Milistetd et al. (2018a) é justamente a possibilidade de dialogar sobre as experiências do estágio com quem também está nesse processo que confere um maior grau de importância para esta etapa na perspectiva dos treinadores. Ademais, a agenda investigativa tem enfatizado a importância da interação entre os aprendizes nos programas de formação de treinadores, favorecendo um maior entusiasmo, engajamento e compreensão dos conteúdos (JONES; MORGAN; HARRIS, 2012; MESQUITA et al., 2015; CIAMPOLINI et al., 2019). Dessa forma, a possibilidade de compartilhar os desafios, erros e acertos com quem está em uma mesma etapa pode ampliar o repertório de habilidades dos estudantes para lidar com as demandas emergentes na atuação.

A falta de supervisão docente nos estágios é também percebida por outros estudos (SILVA; SOUZA; CHECA, 2010; MILISTETD, 2018a, MILISTETD, 2018b). Sobre isso, uma barreira apontada por Silva, Souza e Checa (2010) ao investigar os estágios supervisionados em instituições privadas no estado de São Paulo, é o alto número de orientandos por professor orientador. Desse modo, muitas vezes a qualidade da supervisão oferecida é prejudicada para que uma maior quantidade de estudantes seja contemplada com a orientação. É necessário, então, ponderar a relação entre qualidade e quantidade nesse processo. Para Greco (2012), conseguiremos avançar quando a ideia de que o estágio é uma atividade meramente burocrática for rompida e se tornar uma unidade curricular sustentada por aspectos pedagógicos.

Os treinadores apontam também para a falta de projetos relacionados à ginástica artística como extensão, pesquisa e monitoria. Neste ponto, devemos considerar que de acordo com o Decreto n. 9.235 (BRASIL, 2017), as instituições de ensino superior credenciadas como

centros universitários ou universidades tem como pressuposto para seu funcionamento a produção intelectual institucionalizada ponderando problemáticas relevantes do ponto de vista científico e cultural e um terço do corpo docente formado por professores com mestrado ou doutorado. Especificamente, as universidades caracterizam-se pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Uma vez que a maior parte dos treinadores investigados passaram pelo processo formativo em centros universitários ou universidades, é possível observar fragilidade no tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão).

Acerca disso, Greco (2012) aponta que a não articulação de atividades de extensão ou de pesquisa aos projetos dos cursos de graduação em Educação Física denota uma falta de preocupação com a formação integrada dos indivíduos. Compreendemos que essa preocupação formativa não parte apenas da oferta desses programas pela instituição de ensino superior, mas também pela busca e engajamento dos docentes e discentes. Ademais, as vantagens da inserção dos estudantes em projetos dessa ordem geram inúmeros benefícios à formação profissional por meio da interlocução entre teoria e prática. Bahu e Carbinatto (2016) e Sargi et al. (2016) ao investigarem o papel da extensão universitária em ginástica para todos na formação dos acadêmicos, apontaram que estes projetos proporcionam contato com a prática profissional e possíveis públicos de atuação, ampliação de campos de prática e melhor compreensão da organização de aulas e da atuação didática no ambiente esportivo.

Com o término da graduação, os treinadores relatam a necessidade de busca por formação continuada, sobretudo em temáticas específicas da ginástica artística, seja para suprirem lacunas da formação inicial ou para se manterem atualizados. Uma fonte utilizada com frequência pelos treinadores são as ações propostas pelas Federações Estaduais de Ginástica. De fato, as formações promovidas no contexto federativo são destacadas na agenda científica como uma potência na aprendizagem e desenvolvimento de treinadores esportivos (MISENER; DANYLCHUK, 2009; PAQUETTE et al., 2014; CIAMPOLINI et al., 2020). Por conseguinte, isso nos leva a refletir sobre a necessidade do estabelecimento de parcerias entre instituições de ensino superior, federações esportivas e organizações nacionais e estaduais do esporte, uma vez que isoladamente nenhuma delas pode fornecer um caminho completo no desenvolvimento de treinadores, como já pontuado por Milistetd et al. (2014).

Outro ponto recorrente na fala dos treinadores é a necessidade de busca por experiências práticas e trocas com outros profissionais atuantes no contexto da ginástica artística para suprir lacunas da graduação. Diversos estudos sobre aprendizagem de treinadores esportivos destacam a importância de adquirir conhecimentos para a intervenção profissional nos esportes por meio da observação de outros treinadores e experiências práticas

(MESQUITA; ISIDRO; ROSADO, 2010; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; RAMOS et al., 2014; RODRIGUES et al., 2017; BARROS et al.; 2017; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2017). Rodrigues et al. (2017) ainda inferem que a oportunidade de interação com treinadores oferece uma aprendizagem nos moldes de *mentoring* informal. Neste modelo, de acordo com os autores, o treinador mais experiente assume um papel de mestre que orienta o jovem treinador “seja pela reprodução de um modelo ou pela reflexão sobre o próprio trabalho desencadeada pelo contato com o mentor/mestre” (p. 110).

Quando pensamos nas vantagens da aprendizagem por meio do modelo de *mentoring* informal e retomamos as vivências dos treinadores enquanto estudantes na graduação, passamos a entender que esse contexto formativo é passível de avanços. Isto é, a necessidade de maiores aprofundamentos práticos com treinadores poderia ser contemplada nos estágios discutidos anteriormente. Contudo, o que percebemos é que os discentes, na posição de estagiário, carregam os mesmos *status* e responsabilidades de treinadores sem respaldo legal e deficiente supervisão local e orientação docente. Assim, é cabível a formação inicial em Educação Física proporcionar a aproximação entre treinadores e estudantes aspirantes à treinadores, propondo não apenas uma aprendizagem baseada em reprodução de vivências, mas com oportunidades sistematizadas de reflexões conduzidas pelos docentes. Reforçamos, por fim, a importância das práticas pedagógicas nos currículos da graduação em Educação Física para promover a interlocução entre esses agentes e dar voz a teoria em uma prática reflexiva. Sobre isso, Milistetd et al. (2017) reforça orientações para implementação de práticas com maior efetividade, devendo elas estarem presentes durante o processo formativo em todas as disciplinas teórico-práticas, com aumento gradual da complexidade da primeira até a última fase.

## 6 CONCLUSÃO

O presente estudo intentou analisar as percepções sobre o percurso da graduação em Educação Física de treinadores de ginástica artística trazendo subsídios para repensar os processos formativos (inicial e continuado) na formação de treinadores. Deste modo, foi possível observar que a compreensão desse processo formativo apresenta variadas percepções, sendo que muitas delas são compreendidas por meio de fatores limitantes que deixam lacunas na atuação profissional.

Acerca das contribuições da formação inicial em Educação Física, os treinadores destacam a aquisição de conhecimentos sobre treinamento esportivo, psicologia do esporte e pedagogia do esporte para intervir no contexto da ginástica artística. Além disso, a estrutura física para as vivências da modalidade é relatada positivamente, podendo ser potencializado em alguns casos com parcerias entre instituições de ensino superior e centro de treinamento da modalidade.

Quando visualizamos os aspectos limitantes desse percurso, é possível observar que o trato com o conhecimento específico da ginástica artística precisa ser melhor debatido conforme evidenciado nas falas dos treinadores. As disciplinas ginásticas não favorecem ressignificar as experiências prévias de treinadores como atletas, sendo que a falta de conhecimento docente sobre as manifestações ginásticas se apresenta como ser um catalizador dessa problemática. Ademais, a formação inicial parece deixar lacunas no diálogo entre componentes teóricos e práticos nas disciplinas de estágio obrigatório, nas oportunidades de práticas pedagógicas e nos projetos de pesquisa, extensão e monitoria.

Cabe ressaltar algumas limitações deste estudo, sobretudo por não compreender afundo quais são as demandas da intervenção do treinador de ginástica artística, incitando a necessidade de maior aprofundamento científico nessa temática. O surgimento de novas pesquisas acerca da formação e atuação profissional é imprescindível para o desenvolvimento da ginástica artística em diferentes campos de atuação.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. M. R. **Manual de Ajudas em Ginástica**. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2012. 248 p.
- BAHU, L. Z.; CARBINATTO, M. V. Extensão universitária e ginástica para todos. **Conexões**, v. 14, n. 3, p. 46-70, 2016.
- BARBOSA-RINALDI, I. P. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma reestruturação curricular**. 2005. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BARBOSA-RINALDI, I. P.; PAOLIELLO, E. Saberes ginásticos necessários à formação em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 2, p. 227–243, 2008.
- BARBOSA-RINALDI, I. P.; PIZANI, J. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação Física. In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. (Org.). **Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção**. Florianópolis: UDESC, 2012. p. 263-285.
- BARBOSA-RINALDI, I. P.; SOUZA, E. P. M. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 159–173, 2003.
- BARROS, T. E. S. **Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística**. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- BARROS, T. E. S. et al. Análise das publicações científicas sobre ginástica artística. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 67-81, 2016.
- BARROS, T. E. S. et al. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 3, p. 446–460, 2017.
- BEZERRA, L. F. A. et al. Ginástica na formação inicial em educação física: análise das produções científicas. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 4, p. 663–673, 2014.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80.
- BORGES, C. M. F. Formação e prática pedagógica do professor de educação física: a construção do saber docente. In: SOUSA E. S.; VAGO T. M. (Org.). **Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997. 388 p

BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: observando a cultura de treinamento desde dentro. **Motricidade**, v. 3, n. 1; p. 323-336, 2007

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Câmara de Ensino Superior. Resolução CFE n. 03, **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 set. 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Resolução n. 6, de 18 de dezembro de 2018. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Resolução n. 07, de 31 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 abr. 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução n. 01, de 18 de fevereiro de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 mar. 2002a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução n. 02, de 19 de fevereiro de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 mar. 2002b.

BRASIL. Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2017.

BRASIL. Lei nº. 9.696, de 1º de setembro de 1996. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 set. 1998.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CARBINATTO, M. V. et al. Conhecimentos de acadêmicos de educação física sobre a ginástica a partir da percepção de docentes do ensino superior. **Revista de Graduação USP**, v. 2, n. 3, p. 55, 2017.

CARBINATTO, M. et al. Perfil dos técnicos e motivos que os levaram a atuar na ginástica artística de alto rendimento. In: **Anais do Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição**. Campinas, 2010, p. 92-99.

CIAMPOLINI, V. et al. Formação federativa de treinadores esportivos no Brasil: Proposta de integração do ensino centrado no aprendiz. In: GONZALEZ, R. H.; MACHADO, M. M. T. (Org.). **Pedagogia do esporte: novas tendências**. Fortaleza: Tavares & Tavares, 2017. p. 349-367.

CIAMPOLINI, V. et al. Análise de um programa federativo para a formação continuada de treinadores de basquetebol. **Conexões**, v. 18, p. e020005, 2020.



CIAMPOLINI, V. Teaching strategies adopted in coach education programs: analysis of publications from 2009 to 2015. **Journal of Physical Education**, v. 30, 2019.

COOMBS, P. H.; AHMED, M. **Attacking rural poverty**: how nonformal education can help. London: Hopkins University Press, 1974.

CORTELA, C. C. et al. Associação entre formação inicial e autopercepção de competência profissional de treinadores de tênis. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 2, p. 32-42, 2017.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307–323, 2009.

COUTINHO, P. et al. Formação de treinadores no contexto académico: relação entre as perspetivas de ensino e as abordagens de aprendizagem. In: MESQUITA, I. **Investigação na formação de treinadores**: identidade profissional e aprendizagem. Porto (Portugal): FAPEU, 2016. p. 188-217.

DOWDELL, T. Characteristics of effective gymnastics coaching. **Science of Gymnastics Journal**, v. 2, n. 1, p. 15-24, 2010.

EGERLAND, E. M.; BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz**, v. 15, n. 4, p. 890–899, 2009.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Men's Artistic Gymnastics**. 2020a. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-mag.php>>. Acesso em: 20 out. 2020.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Women's Artistic Gymnastics**. 2020b. Disponível em: <<https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-wag.php>>. Acesso em: 20 out. 2020.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, E. S.; VERENGUER, R. C. G. Estágio supervisionado: a nova proposta para o curso de bacharelado em educação física da Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 115-119, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ-RIVERA, M. D. et al. Sources of knowledge used by Spanish coaches: A study according to competition level, gender and professional experience. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 12, n. 2, p. 162–174, 2017.

GRECO, P. J. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação Física: a questão dos esportes coletivos. In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. (Org.). **Construção da identidade profissional em educação física**: da formação à intervenção. Florianópolis: UDESC, 2012. p. 263-285.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE). **International Sport Coaching Framework Version 1.2**. Champaign: Human Kinetics, 2013.

JONES, R.; MORGAN, K.; HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: Seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, v. 17, n. 3, p. 313-329, 2012.

KEMBER, D.; JENKINS, W.; CHING, K. Adult students' perceptions of good teaching as a function of their conceptions of learning—part 1. Influencing the development of self-determination. **Studies in Continuing Education**, v. 25, n. 2, p. 239–251, 2003.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N.. How youth-sport coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, v. 21, n. 2, p. 191-209, 2007.

MALLET, C. J. et al. Formal vs. informal coach education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 325–364, 2009.

MARINHO, A.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Ginástica: reflexões sobre os grupos de pesquisa cadastrados no diretório do CNPq. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 4, p. 633-644, 2010.

MASSA, M. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.1, n. 1, p. 29-38, 2002.

MESQUITA, I. et al. The value of indirect teaching strategies in enhancing student-coaches' learning engagement. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 14, n. 3, p. 657, 2015.

MESQUITA, I.; ISIDRO, S.; ROSADO, A. Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 9, n. 3, p. 480–489, 2010.

MILISTETD, M. et al. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, p. 982–994, 2015.

MILISTETD, M. et al. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016.

MILISTETD, M. et al. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165-172, 2014.

MILISTETD, M. et al. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas como componente curricular. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, 2017.

MILISTETD, M et al. Percepção de estudantes universitários de educação física sobre o estágio curricular supervisionado em treinamento esportivo: estudo em uma universidade pública brasileira. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 903-916, 2018a.

MILISTETD, M. et al. Sports coach education: Guidelines for the systematization of pedagogical practices in bachelor program in Physical Education. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 1–14, 2017.

MILISTETD, M. et al. Student-coaches perceptions about their learning activities in the university context. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 281-287, 2018b.

MISENER, K.; DANYLCHUK, K. Coaches' perceptions of Canada's national coaching certification program (NCCP): Awareness and value. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 4, n. 2, p. 233-243, 2009.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 247–259, 2006.

NUNOMURA, M. A formação dos técnicos de ginástica artística: os modelos internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 3, p. 63–69, 2004.

NUNOMURA, M.; CARBINATTO, M. V; CARRARA, P. D. S. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 2, p. 469–483, 2013.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, v. 24, n. 3, p. 175–194, 2003.

NUNOMURA, M. **Técnico de ginástica artística**: Uma proposta para a formação profissional. 2001. 181 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. O perfil, as motivações e os desafios dos técnicos de ginástica artística no Brasil. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLELTO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. **Ginástica de Alto Rendimento**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014. Cap. 3. p. 65-87.

OLIVEIRA, L. M.; BARBOSA-RINALDI, I. P.; PIZANI, J. Produção de conhecimento sobre ginástica na escola: uma análise de artigos, teses e dissertações. **Movimento**, v. 26, p. 26017, 2020.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 3, p. 639-650, 2017.

PAQUETTE, K. et al. A sport federation's attempt to restructure a coach education program using constructivist principles. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 2, p. 75-85, 2014

PIZANI, J. et al. A produção de conhecimento sobre formação inicial e currículo em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 33, n. 2, p. 241-254, 2019.

- PIZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Identidade dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física no Paraná: uma análise das áreas do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 4, p. 671–682, 2014.
- PIZANI, J.; SERON, V.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Formação inicial em educação física na cidade de Maringá: a ginástica geral em questão. **Motriz**, p. 900-910, 2009.
- RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Journal of Physical Education**, v. 23, n. 3, p. 431-442, 2012.
- RAMOS, V. et al. As crenças sobre o ensino dos esportes na formação inicial em Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 2, p. 231-244, 2014.
- RODRIGUES, H. et al. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.
- SARGI, A. A. et al. A Ginástica para Todos na formação profissional em educação física: contribuições a partir da extensão universitária. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 3, p. 11-21, 2016.
- SCHIAVON, L. M. et al. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, p. 618–635, 2014.
- SCHIAVON, L. M. **O projeto crescendo com a ginástica**: uma possibilidade na escola. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. A ginástica vai à escola. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 131-150, 2007.
- SILVA, L. A. B. C. **Ginástica para todos na formação inicial em educação física na Grande Florianópolis-SC**: o conhecimento dos docentes. 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SILVA, S. A. P. S.; SOUZA, C. A. F.; CHECA, F. M. Situação do estágio supervisionado em universidades privadas da grande São Paulo. **Motriz**, v. 16, n. 3, p. 682–688, 2010.
- SIMÕES, R. et al. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 1, p. 183-198, 2016.
- SOUZA, E. P. M. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da educação física. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- SOUZA NETO, S. et al. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, p. 113–128, 2004.

STOSZKOWSKI, J.; COLLINS, D. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of Sports Sciences**, v. 34, n. 9, p. 794–802, 2016.

TANI, G. Avaliação das condições do ensino de graduação em Educação Física: garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 2, 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; RODRIGUE, F. The journey from competent to innovator: using appreciative inquiry to enhance high performance coaching. **AI Practitioner**, v. 18, n. 2, p. 40–46, 2016.

WEIMER, M. **Learner-centered teaching**: five key changes to practice. San Francisco: Jossey-Bass; 2002.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

<b>1. Nome:</b> _____
<b>2. Idade:</b> _____
<b>3. Sexo:</b> ( ) Masculino ( ) Feminino
<b>4. Cidade em que reside:</b> _____
<b>5. Principal atividade profissional:</b> _____
<b>6. Formação profissional (graduação e pós-graduação):</b> _____
<b>7. IES onde realizou a graduação em Educação Física:</b> _____ ( ) Pública ( ) Privada
<b>8. Qual tipo de formação em Educação Física:</b> ( ) Bacharel ( ) Antiga licenciatura plena
<b>9. Quanto tempo de graduação:</b> _____
<b>10. Atua como treinador de ginástica artística há quanto tempo?</b> _____
<b>11. Atua em quais categorias?</b> ( ) GAF ( ) GAM ( ) Pré-infantil ( ) Infantil ( ) Juvenil ( ) Adulto
<b>12. Atua em qual nível competitivo?</b> ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional
<b>13. Já praticou GA?</b> Se sim, por quanto tempo _____ Em nível ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional
<b>14. É árbitro de GA?</b> Se sim, é árbitro da ( ) GAF ( ) GAM Possui <i>brevet</i> ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional

## APÊNDICE B – MATRIZ ANALÍTICA DA ENTREVISTA

OBJETIVOS	INDICADORES	QUESTÕES
<p>Identificar as percepções de treinadores de ginástica artística sobre a formação inicial</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trato com o conteúdo ginástico na instituição de ensino</li> <li>• Práticas pedagógicas sob orientação profissional</li> <li>• Espaço físico para a vivência da modalidade</li> <li>• Participação em projetos de extensão, pesquisa e monitoria</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Como foi abordada a ginástica na sua graduação?</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Durante a graduação você teve disciplinas ginásticas? Quais?</li> <li>2. Teve alguma disciplina específica de GA?</li> <li>3. A GA foi abordada em outras disciplinas do curso? Como?</li> <li>4. Existia alguma estrutura física para a vivência da ginástica na instituição de ensino? (Materiais, aparelhos, espaços). Como era?</li> <li>5. Existiam possibilidades de prática pedagógica durante as aulas de ginástica? Como ocorriam?</li> <li>6. Durante a graduação, você realizou algum estágio profissional obrigatório na modalidade? Onde e como foi a experiência?</li> <li>7. Durante a graduação, você realizou algum estágio profissional não obrigatório na modalidade? Onde e como foi a experiência?</li> <li>8. Participou de projetos de extensão, pesquisa ou monitoria em ginástica? Qual(is)?</li> </ol>
<p>Identificar os conhecimentos faltantes durante o período de graduação dos treinadores</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aptidão para a intervenção em GA</li> <li>• Lacunas da formação inicial</li> <li>• Busca por formação continuada</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Você percebe que aplica os conhecimentos obtidos na graduação na sua atuação profissional? Como?</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>14. Como você lidou com atuação profissional ao sair da graduação? Com base nos aprendizados obtidos na sua graduação, você se sentia apto a trabalhar como treinador de GA? E atualmente, você se sente apto?</li> <li>15. Após se formar, você sentiu a necessidade de buscar alguma experiência ou aprendizagem específica para sua atuação enquanto treinador de GA?</li> <li>16. Possui algum curso em outra área e que contribuiu na sua atuação no ensino da GA? Qual?</li> </ol>

## APÊNDICE C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Conhecimentos necessários para atuação profissional na ginástica artística: apontamentos para a formação inicial sob a ótica de treinadores

**Pesquisador:** JULIANA PIZANI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 31124620.4.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.079.059

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de trabalho de conclusão de curso em Educação Física intitulado “Conhecimentos necessários para atuação profissional na ginástica artística: apontamentos para a formação inicial sob a ótica de treinadores”, do acadêmico Lucas Machado de Oliveira, orientado pela professora Dra. Juliana Pizani, vinculado ao Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Trata-se de um estudo descritivo que tem como objetivo mapear os conhecimentos necessários para intervenção profissional na ginástica artística a fim de indicar caminhos para o debate e mudanças acerca da formação inicial. Para isso, será aplicada uma entrevista semiestruturada realizada por meio de plataforma online de áudio e vídeo com aproximadamente cinco treinadores atuantes na ginástica artística no estado de Santa Catarina, abordando os seguintes tópicos: (1) o trato com o conhecimento ginástico e de treinamento esportivo na graduação, (2) lacunas da formação da formação inicial e (3) conhecimentos pressupostos para intervenção profissional. O tratamento dos dados ocorrerá por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

#### Critérios de Inclusão:

Os critérios elencados para seleção dos participantes serão: (1) ser treinador de ginástica artística filiado à Federação de Ginástica de Santa Catarina, (2) ser bacharel em educação física com

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br



Continuação do Parecer: 4.079.059

formação posterior a 2010, (3) possuir 10 anos ou menos de atuação profissional na modalidade, (4) possuir registro no Conselho Regional de Educação Física e (5) ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Mapear os conhecimentos necessários para intervenção profissional na ginástica artística a fim de indicar caminhos para o debate acerca da formação inicial.

Objetivos Secundários:

- Caracterizar o perfil da formação inicial e atuação profissional de treinadores de ginástica artística;
- Descrever os conhecimentos necessários para intervenção como treinador de ginástica artística;
- Apontar as lacunas e contribuições da formação inicial para o desenvolvimento de treinadores na ginástica artística.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Informação dos riscos na Plataforma Brasil está adequada, sendo que o pesquisador informa: "Os riscos para o participante são mínimos, podendo existir descontentamento, cansaço, aborrecimento, constrangimento com as perguntas e/ou alterações de comportamento durante gravações de áudio. Portanto, destaca-se que o(a) senhor(a) pode se recusar a responder quaisquer questões que não sejam confortáveis. Além disso, como forma de minimizar possíveis desconfortos, a entrevista será realizada em local favorável, contando com a presença apenas do pesquisador e o entrevistado, por meio de plataforma online de áudio e vídeo. É garantido ao participante privacidade e sigilo das informações, sendo que os dados obtidos em suas respostas serão tratados unicamente pelos pesquisadores envolvidos e serão expostos no estudo por meio de codificação e uso de pseudônimos. Contudo, os autores ressaltam que mesmo tendo cautela com as informações, existe a remota possibilidade de quebra de sigilo involuntária e não intencional. Os envolvidos com a pesquisa também estão dispostos a prestar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa sempre que necessário, por meio de contato telefônico, e-mail ou presencial. Ademais, o(a) senhor(a) pode retirar seu consentimento ou se recusar a participar da

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 4.079.059

pesquisa em qualquer fase da mesma, sem penalidades ou constrangimentos”.

**Benefícios:**

Informação dos benefícios na Plataforma Brasil está adequada, sendo que o pesquisador informa: “A curto prazo, o participante não usufruirá de benefícios por meio da pesquisa. Entretanto, espera-se que a participação do(a) senhor(a) traga retorno à sociedade posteriormente, de modo a: (1) contribuir com os pesquisadores da área de formação profissional, (2) fundamentar reflexões sobre os currículos e práticas pedagógicas na formação inicial em educação física e (3) auxiliar na formação de futuros treinadores para atuar na ginástica artística”.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta pertinência, fundamentação bibliográfica, clareza em seus objetivos, procedimentos, riscos e direitos dos participantes e cumpre com todas as exigências da resolução 466/2012.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- 1) A redação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as indicações do documento orientações para evitar pendências do CEPESH/UFSC.
- 2) Folha de Rosto está adequada, assinada por Juliana Pizani, responsável pela pesquisa, e Antônio Renato Moro, diretor do Centro de Desportos, Campus Florianópolis, UFSC.
- 3) Carta de anuência: assinada por Ellen Vivian Kegel, presidente da Federação de Ginástica de Santa Catarina, em 17 de março de 2020.
- 4) TCLE: apresenta um TCLE para o participante da pesquisa que contempla as exigências da resolução 466/2012.
- 5) Cronograma: O cronograma anexado informa que a coleta de dados da pesquisa acontecerá a partir de junho de 2020.
- 6) Orçamento: informa despesas de R\$ 100,00 com financiamento próprio.

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 4.079.059

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerando que este projeto apresenta toda a documentação necessária, bem como atende aos preceitos éticos previstos em lei, sou de parecer favorável à aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1544181.pdf	19/05/2020 17:28:28		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_BROCHURA.docx	19/05/2020 17:27:59	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADORES_ASINADA.pdf	19/05/2020 17:20:14	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	19/05/2020 17:19:49	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoLucas_assinado.pdf	28/04/2020 06:52:12	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	25/04/2020 08:53:19	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_INSITUICAO_PREENC HIDA.pdf	25/04/2020 08:52:31	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	25/04/2020 08:51:06	LUCAS MACHADO DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vítor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.079.059

FLORIANOPOLIS, 09 de Junho de 2020

---

**Assinado por:**  
**Maria Luiza Bazzo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Prezado(a) participante de pesquisa,

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, referente a um trabalho de conclusão de curso do Departamento de Educação Física – Centro de Desportos – Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC), intitulada “**Conhecimentos necessários para atuação profissional na ginástica artística: apontamentos para a formação inicial sob a ótica de treinadores**”. O estudo tem como objetivo mapear os saberes necessários para intervenção profissional na ginástica artística a fim de indicar caminhos para o debate e mudanças acerca da formação inicial. Para tanto, é proposto elucidar as experiências da graduação em Educação Física e atuação profissional de treinadores de ginástica artística de forma que os conhecimentos requeridos por eles durante sua intervenção sejam identificados. Assim, a presente pesquisa pode contribuir para que possamos apreciar a formação inicial em Educação Física como uma fonte de conhecimento verdadeiramente significativa e alinhada às necessidades da prática profissional.

Para a coleta de dados será aplicado um questionário de caracterização dos participantes contendo questões sobre dados pessoais, dados sobre a formação inicial e experiência profissional. Em seguida, será conduzida uma entrevista semiestruturada composta por blocos de questões que abordam o trato com o conhecimento ginástico e de treinamento durante a graduação do participante, bem como lacunas da formação inicial e conhecimentos pressupostos na intervenção profissional. A entrevista será gravada, em áudio e posteriormente transcrita. Ambos os procedimentos de coleta serão realizados por meio de uma plataforma online de áudio e vídeo.

Dessa forma, os riscos para o participante são mínimos, podendo existir descontentamento, cansaço, aborrecimento, constrangimento com as perguntas e/ou alterações de comportamento durante gravações de áudio. Portanto, destaca-se que o(a) senhor(a) pode se recusar a responder quaisquer questões que não sejam confortáveis. Além disso, como forma de minimizar possíveis desconfortos, a entrevista será realizada em local favorável, contando com a presença apenas do pesquisador e o entrevistado. É garantido ao participante privacidade e sigilo das informações, sendo que os dados obtidos em suas respostas serão tratados unicamente pelos pesquisadores envolvidos e serão expostos no estudo por meio de codificação e uso de pseudônimos. Contudo, os autores ressaltam que mesmo tendo cautela com as informações, existe a remota possibilidade de quebra de sigilo involuntária e não intencional. Os envolvidos com a pesquisa também estão dispostos a prestar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa sempre que necessário, por meio de contato telefônico, e-mail ou presencial. Ademais, o(a) senhor(a) pode retirar seu consentimento ou se recusar a participar da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem penalidades ou constrangimentos.

A sua participação na presente pesquisa não acarretará em despesas ao senhor(a), da mesma forma que não haverá nenhum tipo de pagamento em troca da sua participação, sendo ela voluntária. No entanto, caso venha a ser comprovado algum prejuízo ou dano decorrente da sua participação, você será ressarcido ou indenizado pelos pesquisadores. Enfatiza-se que será cumprido de forma integral todo o disposto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Os registros colhidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmico-científicos. É também garantido ao participante ter acesso aos resultados da pesquisa.

A curto prazo, o participante não usufruirá de benefícios por meio da pesquisa. Entretanto, espera-se que a participação do(a) senhor(a) traga retorno à sociedade posteriormente, de modo a: (1) contribuir com os pesquisadores da área de formação profissional, (2) fundamentar reflexões sobre os currículos e práticas pedagógicas na formação inicial em Educação Física e (3) auxiliar na formação de futuros treinadores para atuarem na ginástica artística.

Esta pesquisa conta com a participação dos seguintes pesquisadores: Lucas Machado de Oliveira, Juliana Pizani (orientadora) e Vitor Ciampolini (coorientador). Solicita-se, dessa forma, a autorização para uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, ambas assinadas pelos pesquisadores, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

**Nome do pesquisador assistente:** Lucas Machado de Oliveira  
**Número do telefone:** (48) 991764648 / **E-mail:** lucasmdo@outlook.com  
**Endereço:** Rua Hercílio de Aquino, nº 320, ap. 4 - Abraão, Florianópolis/SC.

**Nome da pesquisadora responsável:** Juliana Pizani  
**Número do telefone:** (48) 3721-6349 / **E-mail:** juliana.pizani@ufsc.br  
**Endereço:** Rua Deputado Antônio Edu Vieira, nº de 409 a 1073, sala 215 - Pantanal, Florianópolis/SC.

“O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”

Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH  
 Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara)  
 Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, prédio Reitoria II - Trindade, Florianópolis/SC.  
 CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone para contato: (48) 3721-6094

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa, recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, fui esclarecido(a) de que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e posso me retirar do estudo a qualquer momento.

**Nome por extenso do(a) participante:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do(a) participante:** \_\_\_\_\_

**Local e data:** \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Lucas Machado de Oliveira (Pesquisador assistente)

\_\_\_\_\_  
 Juliana Pizani (Pesquisadora responsável)

## APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS



### DECLARAÇÃO

Declaramos, por meio deste documento, o compromisso de que o acesso a plataforma online de áudio e vídeo para a condução das entrevistas utilizada para a pesquisa “**Conhecimentos necessários para atuação profissional na ginástica artística: apontamentos para a formação inicial sob a ótica de treinadores**” só será liberado aos participantes após o recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos participantes da pesquisa, previamente enviado por e-mail.

Por meio desse procedimento, buscamos a caracterização do acordo estabelecido entre pesquisadores e participantes por meio dos seus endereços eletrônicos, já que estes são considerados vias rastreáveis de comunicação, que garantem a autenticidade e tempestividade dos documentos, uma vez que incluem informações de data e hora de envio e recebimento, sendo acessáveis somente por meio de usuário e senha.

---

Lucas Machado de Oliveira (Pesquisador assistente)

---

Juliana Pizani (Pesquisadora responsável)

## APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
COMITÊ DE ÉTICA DE PESQUISA COM SERES HUMANOS



### DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da **Federação de Ginástica de Santa Catarina**, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Conhecimentos necessários para atuação profissional na ginástica artística: apontamentos para a formação inicial sob a ótica de treinadores**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, sob responsabilidade de **Lucas Machado de Oliveira (pesquisador)**, **Juliana Pizani (orientadora)** e **Vitor Ciampolini (coorientador)** e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

....., ...../...../.....

**Local e data**

**ASSINATURA:** .....

**Nome por extenso:** .....

**Cargo:** .....

**Carimbo do/a responsável**